

Flávia Carolina Guimarães Santiago

ESTUDO DAS OPÇÕES TRADUTÓRIAS PARA O
TERMO *VIRTÙ* EM QUATRO TRADUÇÕES DA
OBRA *O PRÍNCIPE* DE MAQUIAVEL

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2014

Flávia Carolina Guimarães Santiago

**ESTUDO DAS OPÇÕES TRADUTÓRIAS PARA O
TERMO *VIRTÙ* EM QUATRO TRADUÇÕES DA
OBRA *O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL***

**Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Linguística do Texto e do Discurso.**

**Área de concentração: Linguística do
Texto e do discurso**

**Linha de pesquisa: Texto e
Textualização em Língua Portuguesa.**

Orientadora: Prof^a Patrícia G. E. Collina Bastianetto

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2014

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S235e

Santiago, Flávia Carolina Guimarães.

Estudo das opções tradutórias para o termo *virtù* em quatro traduções da obra *O príncipe* de Maquiavel [manuscrito] / Flávia Carolina Guimarães Santiago. – 2014.

94 f., enc. : il., tabs., p&b.

Orientadora: Patrícia G. E. Collina Bastianetto.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Texto e Textualização em Língua Portuguesa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 81-84.

Anexos: f. 85-94.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Machiavelli, Niccolo, 1469-1527. – Príncipe – Traduções para o português – Teses. 3. Linguística textual – Teses. I. Bastianetto, Patrícia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

**ESTUDO DAS OPÇÕES TRADUTÓRIAS PARA O TERMO "VIRTÙ"
EM QUATRO TRADUÇÕES DA OBRA "O PRÍNCIPE" DE
MAQUIAVEL.**

FLAVIA CAROLINA GUIMARÃES SANTIAGO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Aprovada em 26 de maio de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Patrícia Giorgina-Enricanna Collina Bastianetto - Orientador
UFMG


Prof(a). Lácia Monteiro de Barros Fulgêncio
UFMG


Prof(a). Carlos da Silva Sobral
UFRJ

Belo Horizonte, 26 de maio de 2014.

Flávia Carolina Guimarães Santiago

ESTUDO DAS OPÇÕES TRADUTÓRIAS PARA O
TERMO *VIRTÙ* EM QUATRO TRADUÇÕES DA
OBRA *O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL*

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em
Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientadora:

Prof^ª. Doutora Patrícia G. E. Collina Bastianetto, UFMG

Banca Examinadora:

Prof. Doutor Carlos da Silva Sobral, UFRJ

Prof^ª Doutora Lúcia Monteiro de Barros Fulgêncio,
UFMG

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, Angela Maria Guimarães da Silva, guerreira incansável que já derrotou dois aneurismas cerebrais e um câncer.

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha avó, pelo apoio integral.

Aos meus amados irmãos, Camila e Douglas, por terem trilhado os caminhos do mundo acadêmico antes de mim, servindo-me de exemplo.

Aos meus queridos amigos “farofas”, pelo incentivo e pela torcida.

Aos meus amigos de Nápoles, por terem sido minha família durante meu período de estudo na Itália. Em especial a Tani Haces e Violaine Perdiguier.

Aos meus sobrinhos, Miguel e Rosa, simplesmente por existirem, o que já me faz imensamente feliz.

À minha orientadora, professora Patrizia Bastianetto, pela leitura atenciosa deste trabalho e preciosas observações.

A Deus, por ter me concedido força e concentração para escrever esta dissertação.

Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!

Mário Quintana

Resumo

Esta dissertação objetiva apresentar e analisar as opções tradutórias para o termo *virtù* em quatro traduções da obra *O príncipe* de Nicolau Maquiavel. Esclarecemos que o referido termo é comumente traduzido para a língua portuguesa como “virtude”. Entretanto, esse foi utilizado por Maquiavel de maneira peculiar e polissêmica, levando os tradutores da obra a adotarem escolhas e tratamentos diversos para o mesmo. Pretendemos avaliar as consequências das mencionadas escolhas tradutórias para a compreensão textual e para a recepção da obra. Quando possível, procuramos, também, sugerir qual o público leitor mais adequado para cada tradução, a partir da análise das características textuais das mesmas.

Para a realização deste estudo nos valem da disciplina dos Estudos da Tradução, no que tange às modalidades tradutórias e da Linguística Textual no que diz respeito aos conceitos de texto e compreensão textual.

Os tradutores selecionados para nossa pesquisa são: Hingo Weber (Editora Vozes); Maurício Santana Júnior (Editora Penguin Companhia das Letras); Antônio Caruccio-Caporale (Editora L&PM Pocket) e Brasil Bandecchi (Centauro Editora).

Palavras-chave: *O príncipe*, Nicolau Maquiavel, *virtù*, tradução, compreensão textual.

Abstract

Il presente studio si prefigge l'obiettivo di presentare e analizzare scelte traduttive del termine *virtù* in quattro traduzioni di *Il principe* di Niccolò Machiavelli. Si precisa che in genere il sopraccitato termine viene tradotto in portoghese con la parola "virtude". Ma l'uso di cui ne ha fatto Machiavelli è stato eccezionalmente singolare, avendolo dotato di carattere polisemico, fatto che ha indotto i traduttori a scelte traduttive diverse. Se ne vuole quindi valutare la ricaduta sulla comprensione testuale e sulla ricezione dell'opera. Quando possibile si è messo in relazione il profilo del traduttore con la traduzione che ne è risultata con l'intuito di definire il pubblico lettore più adeguato ad ogni traduzione.

L'approccio teorico per la conduzione di questa ricerca si avvale della Teoria della Traduzione per quanto concerne le modalità traduttive e della Linguistica Testuale per lo studio del testo e della comprensione testuale.

Le traduzioni oggetto della presente ricerca sono rispettivamente quella di Hingo Weber (Editora Vozes), di Maurício Santana Júnior (Editora Penguin Companhia das Letras), di Antônio Caruccio – Caporale (Editora L&PM pocket) e di Brasil Bandecchi (Centauro Editora)

Parole chiave: Il principe, Niccolò Machiavelli, virtù, traduzione, comprensione testuale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	10
DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	10
JUSTIFICATIVA PARA A PESQUISA.....	11
METODOLOGIA.....	12
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	13

CAPÍTULO 1: O PRÍNCIPE COMO UM GRANDE CLÁSSICO

POR QUE LER OS CLÁSSICOS?	15
POR QUE RETRADUZIR OS CLÁSSICOS?.....	16
AS DIFICULDADES QUE A DISTÂNCIA TEMPORAL PODE TRAZER NA TRADUÇÃO DE TEXTOS ANTIGOS.....	18
APRESENTAÇÃO DA OBRA E CONTEXTUALIZAÇÃO NO CENÁRIO HISTÓRICO-POLÍTICO DA TOSCANA NO SÉCULO XVI.....	20

CAPÍTULO 2: O *CORPUS*

CRITÉRIOS PARA ESCOLHA DAS TRADUÇÕES OBJETO DE NOSSA PESQUISA.....	24
---	----

CAPÍTULO 3: REFERENCIAL TEÓRICO

MODALIDADES DE TRADUÇÃO.....	33
ARCABOUÇO TEÓRICO DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL.....	35
O TEXTO.....	35
A COMPREENSÃO DE TEXTO.....	38

CAPÍTULO 4: A PALAVRA "VIRTUDE" E O TERMO *VIRTÙ*

O SENTIDO GERAL DA PALAVRA "VIRTUDE" EM <i>PORTUGUÊS BRASILEIRO E EM LÍNGUA ITALIANA</i>	43
SENTIDO TEOLÓGICO DA PALAVRA "VIRTUDE".....	44
SENTIDOS FILOSÓFICOS DA PALAVRA "VIRTUDE".....	45
A <i>VIRTÙ</i> MAQUIAVELIANA.....	46

CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISES

EXPLICITAÇÃO DO PROCEDIMENTO ADOTADO.....	54
ANÁLISES DOS OITO EXEMPLOS SELECIONADOS.....	55
ANÁLISES GERAIS.....	69

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81

ANEXOS.....	85
-------------	----

Lista de Tabelas

Tabela 1 Traduções encontradas de <i>O príncipe</i>	24
Tabela 2 Estudo preliminar do tratamento dado ao termo <i>virtù</i> em seis traduções.....	29
Tabela 3 Apresentação das opções tradutórias para o termo <i>virtù</i> em quatro traduções para o PB da obra.....	67

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo apresentar e analisar as opções tradutórias para o termo *virtù* em quatro traduções para o português brasileiro, doravante PB, da obra *O príncipe* de Maquiavel¹. Pretendemos analisar como tais opções tradutórias podem interferir na compreensão textual e na recepção da mencionada obra. Esclarecemos que a palavra *virtù* é comumente traduzida como “virtude” para o PB. Entretanto, essa foi utilizada por Maquiavel de maneira peculiar e polissêmica, levando os tradutores da obra a adotarem traduções e tratamentos diferentes para o vocábulo em questão.

Explicamos, ainda, que optamos por utilizar o termo *virtù* sempre que esse se referir ao emprego na acepção maquiaveliana e por empregar a palavra “virtude” nas outras acepções do referido termo.

DELIMITAÇÃO DO CORPUS

A escolha específica da palavra *virtù* justifica-se pelos seguintes motivos:

- Ao iniciarmos a leitura de nosso *corpus*, constatamos que o vocábulo em questão mereceu um tratamento diferenciado na maioria das traduções. De fato, com relação à tradução do mesmo, encontramos notas de rodapé, discussão sobre os sentidos do vocábulo para Maquiavel nos paratextos das obras, tais como prefácios e introduções. Houve também a opção, em alguns casos, em não traduzi-lo para o PB, mas de adotá-lo em italiano.
- Existência de grande número de estudos das áreas de Filosofia e Ciência Política sobre a palavra *virtù*. Como exemplo, citamos: dissertação defendida por Flávia Benvenuto intitulada *Virtù e valores no pensamento de Maquiavel*; tese de doutorado defendida pela mesma autora sob o título *A virtù do governante: circunstâncias e ações para a conquista e manutenção do poder no pensamento de Maquiavel*; capítulo cinco do livro *10 lições sobre Maquiavel*, escrito por Vinícius Soares de Campos Barros; artigo de Cezar

¹ As traduções selecionadas são: tradutor Hingo Weber (Editora Vozes), tradutor Antonio Caruccio-Caporale (L&PM Pocket), tradutor Brasil Bandecchi (Centauro Editora) e tradutor Maurício Santana Dias (Editora Penguin Companhia das Letras).

Alencar Arnaut de Toledo e Leandro Ferreira Bernardo, “*Virtude e fortuna no pensamento político de Maquiavel*”; artigo escrito por Mariano de Azevedo Júnior, “*O espelho da guerra: a virtù na visão renascentista de Maquiavel*”. No exterior, podemos citar o artigo “*The sense of virtù in Machievelli*”, do professor Russel Prince da Lancaster University; o livro *Machiavelli’s Virtue*, de Harvey C. Mansfield, professor da Harvard University e o livro *Machiavelli: Il divenire e la virtù*, do professor de Filosofia Moral da *Università degli studi di Bologna*, Paolo Vincieri. Assim, o grande número de pesquisas sobre a *virtù* demonstra que esse é um conceito de fundamental importância na obra de Maquiavel.

➤ Alta frequência de uso da palavra dentro da obra: 60 ocorrências encontradas do vocábulo (ver Anexo I) e 10 de derivações do mesmo, conforme dados extraídos do site IntraText.² Esclarecemos que o mencionado site é uma biblioteca digital disponível em várias línguas, inclusive em Língua Portuguesa. Tal site é bastante útil para o levantamento de dados linguísticos quantitativo, tais como a frequência de uso de um vocábulo ou levantamento das diferentes acepções semânticas para o mesmo termo a partir de trechos apresentados, etc. Vale ressaltar, ainda, que esse site foi desenvolvido pelo grupo Èulogos,³ que desenvolve pesquisas no setor da tecnologia da linguagem humana desde 1994. Esse grupo desenvolveu diversos projetos, entre os quais o Èulogos IntraText – projeto que originou o supracitado Site IntraText – e o Èulogos CENSOR, que é um serviço que analisa o possível nível de dificuldade de um texto através de uma fórmula matemática que, por meio de cálculos estatísticos, procura estabelecer a dificuldade real de um texto com base numa escala predefinida de valores.⁴

² Disponível em: <<http://www.intratext.com/>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

³ Disponível em: <<http://www.eulogos.net/default.do>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

⁴ Esclarecemos que citamos o Èulogos CENSOR à título informativo, tendo em vista que não acreditamos que seja possível determinar o grau de legibilidade textual por meio de fórmulas matemáticas, uma vez que a leitura é um processo complexo que envolve múltiplos fatores tais como conhecimento prévio, entre outros.

JUSTIFICATIVA PARA A PESQUISA

Em primeiro lugar, a presente pesquisa justifica-se em razão da relevância da obra nos dias atuais. Recordemos que apesar de ter sido escrita há exatos cinco séculos, *O príncipe* ainda é lido e estudado nos cursos de Filosofia e de Ciências Políticas da maioria das faculdades de todo o mundo.

Em segundo lugar, consideramos relevante frisar a importância das traduções para a divulgação de uma obra, lembrando que ela, sobretudo quando antiga, é mantida viva e sempre atualizada e reatualizada graças às suas traduções. Esse tema será melhor abordado no Capítulo 1 desta dissertação.

Em terceiro lugar, conforme já dito, o termo *virtù* é fundamental na obra maquiaveliana. As peculiaridades do emprego dessa palavra por parte do autor é assunto que receberá tratamento específico no Capítulo 4 deste trabalho.

Finalmente, justificamos nossa pesquisa a partir da constatação de que embora exista um grande número de trabalhos sobre leitura e compreensão de texto, eles em geral não focalizam textos traduzidos e tampouco as opções tradutórias e suas consequências para a compreensão textual.

METODOLOGIA

Para desenvolvermos nossa pesquisa, seguimos as seguintes etapas:

1º - Escolha das traduções objeto de estudo

Tendo em vista o grande número de traduções existente para o PB de *O príncipe*, conforme demonstraremos mais adiante, a primeira etapa de nossa pesquisa foi estabelecer critérios para selecionar quatro traduções como objeto de nosso estudo. Esta etapa metodológica será abordada de forma pormenorizada no capítulo 2 desta dissertação.

2º - Organização do corpus

Esta etapa foi feita da seguinte forma: levantamos todas as ocorrências do termo *virtù* no texto original. Para isso, utilizamos o site IntraText, conforme já referido. Posteriormente, numeramos as ocorrências de forma sequencial. Então, identificamos as escolhas tradutórias feitas por cada um dos quatro tradutores selecionados para as 60 ocorrências do termo *virtù* presentes do texto original.

3º - Apresentação dos dados e análises

Em face da necessidade formal de limitar a extensão deste trabalho, e uma vez que o *corpus* de nossa pesquisa é bastante extenso, consideramos inviável a apresentação e a análise de cada uma das ocorrências. Assim, selecionamos oito exemplos do texto original e suas respectivas traduções para apresentação e análise detalhada. Buscamos selecionar as ocorrências mais significativas, ou seja, aquelas capazes de demonstrar as peculiaridades do emprego do termo *virtù* no texto original por Maquiavel, assim como aquelas nas quais ocorreu uma maior diversidade de opções tradutórias. As demais ocorrências serão apresentadas e analisadas de forma geral e quantitativa.

As análises serão feitas tendo como embasamento teórico as disciplinas dos Estudos da Tradução, no que tange às modalidades tradutórias e da Linguística Textual, no tocante aos conceitos de texto e compreensão de texto.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Nossa dissertação é composta por cinco capítulos e está dividida da forma que segue abaixo:

- Introdução, na qual foi apresentado o tema de nossa pesquisa, as motivações para sua escolha e a metodologia utilizada na pesquisa.
- Capítulo 1: dedicado à problematização de algumas questões como a importância de se ler os livros clássicos e a relevância de traduzi-

los e retraduzí-los. Posteriormente, faremos uma contextualização da obra em estudo.

- Capítulo 2, no qual explicitamos os critérios utilizados para a escolha das traduções objeto deste estudo.
- Capítulo 3: destinado a apresentar a fundamentação teórica de nosso trabalho, a saber: as modalidades tradutórias de Aubert (1998) e os conceitos de texto e compreensão textual.
- Capítulo 4: nesse capítulo, fazemos uma discussão aprofundada das diversas acepções que a palavra “virtude” possui, seja em seu sentido geral, seja no sentido filosófico. Tendo em vista as peculiaridades do emprego do termo *virtù* dentro da obra de Maquiavel, apresentamos, também, autores que estudaram especificamente o pensamento maquiaveliano.
- Capítulo 5, em que é feita a apresentação e a análise dos dados.
- Considerações finais
- Referências bibliográficas
- Anexos

CAPÍTULO 1: O PRÍNCIPE COMO UM GRANDE CLÁSSICO

POR QUE LER OS CLÁSSICOS?

A obra em estudo foi escrita há exatos 500 anos em um contexto histórico-social extremamente diverso do atual. Não obstante, há um inegável interesse do público contemporâneo em lê-la. Podemos, sem dúvida, afirmar que se trata de um grande clássico da literatura e do pensamento ocidental. Mas afinal, por que ler os clássicos é assim tão importante? O famoso escritor e também tradutor italiano Italo Calvino discorre sobre tal tema de forma brilhante e bem-humorada no livro intitulado *Por que ler os clássicos?* Os próximos parágrafos são dedicados ao capítulo introdutório do mencionado livro.

O supracitado autor apresenta, inicialmente, algumas propostas para definir o que seria um clássico. Entre tais propostas, destacamos: “São aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: *Estou relendo... e nunca estou lendo...*” (CALVINO, 2007, p. 9). Isso porque a grande maioria das pessoas se envergonha de admitir não ter lido um livro famoso. Para tranquilizá-las, Calvino afirma que por maior que sejam as leituras de formação de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu. Além disso, usar o verbo “ler” ou “reler”, para o célebre escritor italiano, não tem muita importância, pois cada releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como se fosse a primeira ou dito de outra forma: “*um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer*” (CALVINO, 2007, p. 11). Da mesma forma, toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura, isto porque tais obras chegam até nós apresentando sempre as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram. Calvino segue seu texto frisando que é necessário ler as obras clássicas diretamente, evitando ao máximo possível as bibliografias críticas, os comentários e as interpretações. Isso porque para Calvino: “*nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão*” (CALVINO, 2007, p. 12). Assim, Calvino chega a outra possibilidade de definição dos clássicos: “*um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas*

continuamente a repele para longe” (CALVINO, 2007, p. 12). Várias outras possibilidades de definição são apresentadas ao longo deste capítulo, tais como: “*são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados e inéditos*” (CALVINO, 2007, p. 12). Ou ainda: “*é clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir deste barulho*” (CALVINO, 2007, p. 15). Finalmente, Calvino coloca a seguinte questão: mas por que ler os clássicos? A resposta apresentada é deliciosamente inteligente, sensível e provocante: os clássicos não devem ser lidos porque servem para alguma coisa. A única razão que se pode apresentar é que lê-los é melhor do que não os ler. E para aqueles que argumentam que não vale a pena o esforço, Calvino cita o escritor e filósofo romeno Emil Cioran, que, ao refletir sobre a utilidade do aprendizado da flauta por Sócrates momentos antes de sua morte, disse: “*Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. Para que lhe serviria, perguntaram-lhe. Para aprender esta ária antes de morrer*” (CALVINO, 2007, p. 16).

POR QUE RETRADUZIR OS CLÁSSICOS?

Na seção anterior, abordamos a importância da leitura dos livros clássicos. Entretanto, para que tais livros sejam lidos é necessário que sejam traduzidos de suas línguas originais, para permitir o acesso ao público falante de outras línguas e pertencentes a outras culturas. Quanto a isso não há dúvidas. Mas qual a necessidade de retraduzir uma obra que já foi traduzida? Ou formulando a indagação de outra forma: por que retraduzir os clássicos?

O tradutor e pesquisador brasileiro Furlan no artigo *Retraduzir é preciso* (2013) aponta várias razões para responder ao questionamento supracitado. Em primeiro lugar, Furlan (2013) justifica a retradução dos clássicos porque as maneiras de traduzir variam de acordo com as épocas. Para ilustrar bem esta questão, o referido pesquisador afirma que os romanos, por exemplo, traduziam adaptando, romanizando o texto de partida. Já os tradutores da idade média preocupavam-se com a suposta

mensagem original, ou seja, com a fidelidade ao texto de partida. Os tradutores do Renascimento, por sua vez, traduziam procurando readquirir a estética clássica, cujos padrões haviam se transformados ou perdidos na Idade Média. Por fim, os tradutores do neoclassicismo renascentista traduziam buscando a substituição do estilo rebuscado da prosa medieval tardia pelos padrões clássicos da boa escrita, tais como correção, clareza e elegância.

Em segundo lugar, Furlan(2013) postula que a constante retradução dos clássicos justifica-se porque cada tradução é fruto de uma leitura de um sujeito datado e situado em seu período histórico. Os tempos mudam e com ele os conceitos, os parâmetros, as ideologias. Assim, a visão de mundo das pessoas e os conhecimentos prévios dos sujeitos modificam-se, e, conseqüentemente, as formas de ler e interpretar os textos também se alteram. Para Furlan (2013), portanto, cada época retraduz os clássicos porque os lê e os reescreve de forma diversa.

Continuando suas reflexões, Furlan (2013) esclarece que a modernidade, trazida pelo movimento renascentista na Europa, abarca múltiplas maneiras de traduzir. Assim, aparentemente, a maioria das traduções literárias modernas pretende refletir o conteúdo e a forma do texto da língua de partida, não descuidando das características e peculiaridades da língua de chegada, considerando, também, a possibilidade de recriação da arte do original. Furlan (2013) afirma que os mesmos ideais renascentistas sobrevivem até hoje, e no século XXI, nos deparamos tanto com tradutores e teorias da tradução que insistem na defesa da suposta fidelidade ao original, do desaparecimento do tradutor e da preservação do sentido, quanto com aqueles que defendem uma tradução mais livre, menos espelhada no original, o que leva, muitas vezes, o tradutor a ser estigmatizado com o clássico aforisma *traduttore traditore*.

Furlan (2013) sustenta, ainda, que, apesar de todas as referidas diferenças na forma de traduzir através dos tempos, é possível afirmar que em toda a história da tradução ocidental houve uma inegável semelhança nos modos de traduzir: a primazia do sentido. Nesse ponto, o autor cita os linguistas e teóricos da tradução Antoine Berman e Henri Meschonnic para

defender que a tradução deve ultrapassar o sentido e atingir o discurso. Vejamos a citação que ilustra bem essa posição de Furlan:

Para Meschonnic, traduzir não é passar o que é dito numa língua à outra, mas é produzir um discurso. Passar de uma língua a outra é cuidar apenas do sentido, da mensagem. O discurso é a atividade de um sujeito falante, é uma escritura, ou seja, a subjetivação que transforma a língua em texto. Não se traduz da língua. É o discurso e a escritura que é preciso traduzir (FURLAN, 2013, p. 289).

AS DIFICULDADES QUE A DISTÂNCIA TEMPORAL PODE TRAZER NA TRADUÇÃO DE TEXTOS ANTIGOS

Conforme abordado no tópico acima, retraduzir os clássicos é preciso. Mas para que isso aconteça, é necessário que os tradutores enfrentem uma questão complexa, que é, sem dúvida, um fator dificultador da tarefa tradutória: a grande distância cronológica que separa a obra e o momento de sua tradução. Para abordarmos este tópico, falaremos de dois textos: *O problema da temporalidade em tradução*, de Fáveri (2008), e a introdução feita por Bastianetto (2012) para sua tradução de alguns capítulos da obra *Cortesão*, de Baldassar Castiglione. O primeiro texto aborda mais as escolhas estilísticas que o tradutor deve fazer ao traduzir um texto antigo; já o segundo texto trata das dificuldades que o tradutor, como primeiro leitor da obra, deve enfrentar para traduzir textos arcaicos.

Fáveri (2008) afirma que muitos teóricos e tradutores já refletiram sobre o problema da temporalidade na tradução. O escritor francês Marcel Schwob (1867-1905), que traduziu Shakespeare, Stevenson e de Quincey, desenvolveu um método próprio e o aplicou em algumas de suas traduções. Os fundamentos de seu método eram que a língua de tradução deveria retroceder no tempo a fim de encontrar, na medida do possível, a língua do original. Se tal paralelismo não for realizável, a língua da tradução deve buscar espelhar um momento de sua história que seja similar, em termos de evolução, à língua do original. Assim, Marcel Schwob traduziu Shakespeare no francês do século XVI, ou seja, buscou retroceder a língua francesa em mais de 200 anos para tentar suplantar a distância temporal existente entre o texto original e o texto de tradução. Vale ressaltar que suas traduções foram muito bem aceitas pelos leitores e críticos da época.

Fáveri (2008) continua seu artigo postulando que a experiência de Schowob não foi a primeira, outros tradutores antes dele, sobretudo nas primeiras décadas do século XIX, também buscaram essa sincronia temporal entre original e tradução. Um exemplo foi Émile Littré, que utilizou o francês do século XIII para traduzir a *Divina Comédia* de Dante. Para ele, tal escolha linguística possibilitaria não somente o contato com as primeiras formas do francês, mas, sobretudo, tornaria o mundo de Dante mais compreensível ao leitor moderno.

Steiner e Meschonnic, sempre conforme a leitura de Fáveri (2008), criticam a prática arcaizante das traduções. Para Steiner, todo tradutor pertence a uma determinada época, e sua percepção, tanto do original quanto da tradução que realiza, está irremediavelmente impregnada por sua visão de mundo. Meschonnic, por sua vez, concebe o texto traduzido como autônomo e afirma que toda tradução é inevitavelmente um texto moderno, pois ao recriar o texto original, instala perpetuamente uma nova relação entre original e tradução e possibilita uma sobrevida do original.

Entendemos que a escolha em realizar ou não uma tradução com um tom mais arcaico é uma opção estilística do tradutor, a qual implica vantagens e desvantagens. Como vantagem, apontamos a manutenção do estilo do texto original e a preservação de uma relação existente entre os leitores atuais do texto original e o próprio texto, ou seja, uma relação de distância temporal que incide na linguagem. Como desvantagem, assinalamos que o estilo arcaico pode trazer dificuldades de interpretação textual, chegando até mesmo a impedir o correto entendimento da obra.

Bastianetto (2012), na introdução de sua tradução de alguns capítulos do livro *O Cortesão*, de Baldassar Castiglione, fala sobre a importância de uma compreensão adequada por parte do tradutor das palavras arcaicas presentes no texto original. Segundo Bastianetto (2012), as línguas evoluem no tempo e, conseqüentemente, as palavras adquirem novos significados e possibilidades de sentido. Assim, uma compreensão inadequada por parte do tradutor dos arcaísmos presentes no original fatalmente incide no texto traduzido. Como exemplo, a pesquisadora cita a palavra *ancora*; palavra de alta frequência no italiano contemporâneo, mas que possui atualmente um significado bastante diferente daquele usado por Castiglione. Essa palavra é

comumente traduzida por *ainda*, com valor temporal ou concessivo, mas que n'O *Cortesão* é usada algumas vezes com o significado de *também*, como na frase: (...) *la signora Duchessa essa è ancora morta*, traduzida por (...) “a senhora Duquesa também está morta.”

APRESENTAÇÃO DA OBRA E CONTEXTUALIZAÇÃO NO CENÁRIO HISTÓRICO-POLÍTICO DA TOSCANA NO SÉCULO XVI

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença em 1469 e morreu em 1527, também em Florença. A Itália do período maquiaveliano não era um Estado unificado, mas um conjunto de territórios independentes com governos autônomos.

A cidade de Florença, de 1150 até 1434, não teve nenhum senhor, não foi vassala nem foi tomada pelas armas. Tinha total independência política e era um importante centro econômico e cultural. Florença não tinha exército e buscava equilibrar-se entre os poderosos para resguardar seus interesses, possuía um importante corpo diplomático e nela viviam e trabalhavam grandes pensadores. Maquiavel foi contemporâneo de Copérnico, Leonardo da Vinci, Cristóvão Colombo, Lutero, Ludovico Ariosto, Santo Inácio de Loyola, Henrique VIII, Júlio II, e Francesco Guicciardini, entre outros.

A partir de 1434, ainda que Florença tivesse continuado a ser, nominalmente, uma república, iniciou-se a Senhoria dos Médici com Cosimo, seguido de seu filho Piero e seu neto Lorenzo, dito o Magnífico. O governo dos Medici perdeu o poder em 1494, após a morte de Lorenzo o Magnífico e em consequência do fraco governo de seu filho, que permitiu a invasão do rei francês Carlos VIII. Mas em 1512 os franceses foram obrigados a sair da Itália e os espanhóis, aliados ao papa, decretaram o regresso dos Médici a Florença, que governaram até 1532.

Maquiavel nasceu e cresceu na época do governo Médici, ele tinha 25 anos quando a França ocupou Florença e instaurou um governo republicano, no qual Maquiavel ocupou diversos cargos. Foi relator no Conselho dos Dez e no Conselho Maior, secretário da segunda chancelaria, ele realizava negociações e missões diplomáticas em outros

Estados em nome de Florença, além de fazer análises das situações políticas dos outros reinos. Trabalhou no recrutamento de soldados-peões e cavaleiros, incumbindo-se de instruí-los. Ele, como grande observador político, havia constatado como os mercenários, profissionais da guerra, eram ávidos de ganhos e sempre prontos à traição. Entendia, portanto, que Florença deveria ter seu próprio exército.

Mas em 1512, com o regresso dos Médici, Maquiavel foi posto de lado através de uma disposição da Senhora da casa Médici, que o privava do seu cargo e o condenava ao desterro por um ano e, ainda, a pagar uma multa pesada, como garantia de obediência. O nosso autor retirou-se com a família em uma pequena propriedade rural em Sant'Andrea próximo à cidade de San Casciano, chamada "Albergaccio".

Em 1513 espalhou-se a voz de uma conjura contra os Médici e Maquiavel foi preso e torturado, sob a acusação de participar de um complô. Um mês depois, por força de uma anistia dada em comemoração à eleição do cardeal Giuliano de Médici como papa (Leão X), Maquiavel foi libertado e voltou a viver em sua pequena propriedade rural.

Lá, dedicava seu tempo de lazer à reflexão sobre a vida política e sobre os ensinamentos dos grandes homens do passado. Para Maquiavel abria-se, de um lado a imensidade dos séculos passados e, do outro, o inquieto panorama de seu tempo. Ele viveu e escreveu em um período de transição tanto com relação à alternância de poder político em Florença quanto na península italiana como um todo. Os ducados de Milão, onde imperava a família Sforza, se viam constantemente ameaçados, Veneza e outras poucas cidades tentavam manter suas repúblicas oligárquicas, os espanhóis avançavam sobre Nápoles e a Sicília e os franceses pretendiam definir o destino de várias cidades e regiões que guerreavam entre si.

Para o olhar atento de Maquiavel foi um período muito rico, mas, também, um tempo perigoso e cheio de instabilidade e incerteza. O príncipe precisava saber exercer o poder político e ter a capacidade de se manter no mando. Na ausência de príncipes com esta capacidade, haveria conflito.

O primeiro fruto de suas reflexões no exílio, como relato do próprio Maquiavel ao amigo Francesco Vettori,⁵ foi a composição de um tratado sobre os principados (*De principatibus*), no qual discutia o que era o principado, as suas diferentes espécies, como eram conquistados e mantidos e por que se perdiam. Esse tratado seria posteriormente editado e publicado cinco anos após a morte de Maquiavel, em 1532, com o nome de *Il Príncipe de Niccholò Machiavello*.

O *príncipe* pode ser dividido em quatro partes:

- 1- O livro inicia-se com uma carta dedicatória ao Giuliano de Médici, neto do conhecido Lourenço, o Magnífico. É preciso lembrar que em 1513, um ano antes da escritura da obra, Maquiavel havia sido preso e torturado sob a acusação de conspiração contra a família Médici; assim, a opção de dedicar sua obra a um membro da referida família é claramente uma tentativa de lisonjear os Médici, buscando talvez, assim, retornar ao cargo na Chancelaria que ocupara no período republicano. No final dessa parte do livro, Maquiavel afirma sutilmente que o destino lhe obrigou a aceitar um grande fardo, aludindo, desta dessa forma, a sua destituição do cargo de Chanceler e sua posterior prisão. Vejamos nas palavras de nosso autor: “*E se Vossa Magnicência, do ápice de sua alteza, uma hora dessas voltar os olhos a esses lugares baixos, saberá que eu suportei injustamente uma grande e contínua malignidade da fortuna*” (MAQUIAVEL, 2011, p. 8).
- 2- A segunda parte do livro vai do capítulo I ao XIV, na qual o principado é o objeto principal. No capítulo I, são listados os tipos de Estados existentes, a saber: repúblicas ou principados; os

⁵ O primeiro registro sobre a escrita da obra em análise vem de uma carta de Maquiavel a Francesco Vettori de 10 de dezembro de 1513, na qual o autor fala da composição de um opúsculo intitulado *De principatibus*, no qual sintetiza muito daquilo que havia aprendido no período de trabalho na Chancelaria Florentina e que oferecerá a Giuliano de Médici, então recém-governante de Florença. Portanto, sabe-se que, já no final do ano de 1513, Maquiavel já havia terminado a obra, que posteriormente seria editada em 1532 pelo editor Antonio Blado d’Asola com o título de *Il Príncipe de Niccholò Machiavello*.

principados podem ser hereditários ou novos; os novos, ou são inteiramente novos, ou são como membros acrescentados ao Estado hereditário do soberano que os conquista; os principados conquistados, ou estavam acostumados a viver sob o poder de um príncipe, ou eram habituados a serem livres, e são conquistados ou com as armas de outros ou com as próprias, ou pela fortuna ou pela *virtù*. Do capítulo II até o XIV, Maquiavel descreve, de forma detalhada e com riqueza de exemplos históricos, cada um dos tipos de principados existentes.

- 3- Os capítulos XV ao XXV são os mais polêmicos, visto que neles Maquiavel tratará diretamente das qualidades pessoais, ou seja, das virtudes que um príncipe deve cultivar para conquistar e manter o poder. Qualidades morais tradicionalmente vistas como virtudes- tais como probidade, liberalidade, piedade, lealdade e sinceridade- são rejeitadas por Maquiavel. Ressaltamos que inúmeros estudiosos da obra de Maquiavel asseguram que Maquiavel não prega uma política sem moral, mas defende que a política tem seu sistema fundado em valores próprios. Como exemplo, citamos o doutor em filosofia e tradutor de *O Príncipe* José Antônio Martins que na introdução de sua tradução de *O Príncipe* diz: “Agora se falará de uma *virtù* que é pensada em função da peculiaridade do mundo político. O que não significa que ela seja a defesa da antivirtude ou simplesmente de um comportamento não ético” (MAQUIAVEL, 2010, p.23). Assim, a ação política não estaria isenta de deveres e regras, mas tais regras e deveres devem sempre ser entendidos a partir de sua finalidade última, que é a preservação do bem comum e da ordem pública, representados em *O príncipe* pela conquista e manutenção do poder.
- 4- Por fim, a obra termina no capítulo XXVI com uma exortação ao novo príncipe para liberar a Itália do domínio dos estrangeiros e criar uma nação unificada e independente.

CAPÍTULO 2: O CORPUS

CRITÉRIOS PARA A DETERMINAÇÃO DAS TRADUÇÕES OBJETO DE NOSSA PESQUISA

Uma vez definido que o foco de nossa pesquisa é a palavra *virtù*, o próximo passo foi selecionarmos as traduções com as quais iremos trabalhar, ou seja, delimitar nosso *corpus*. Fizemos, então, um levantamento sobre as traduções de *O príncipe* para o PB, a partir de pesquisas realizadas nas bibliotecas da UFMG, em sebos *on-line*, livrarias de Belo Horizonte e na Biblioteca do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Foram encontradas 17 traduções diferentes, cujos dados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1

	Editora	Tradutor	Data/edição em nossas mãos	Data da 1ª edição
1	Martin Claret	Pietro Nasseti	2004/31ª edição	Sem data
2	Círculo do Livro	Antônio D'Elia	Sem data	Sem data
3	Paz e Terra	Maria Lúcia Cumo	1996/1ª edição	1996
4	Hemus Livraria Editora Ltda ⁶	Torrieri Guimarães	Sem data	Sem data
5	Civilização brasileira	Roberto Grassi	1972/2ª edição	Sem data
6	Editora Três	Não consta ⁷	1974/1ª edição	1974
7	L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	2013	1998
8	Martins Fontes	Maria Julia Goldwasser	1996	1990
9	Ediouro	Lívio Xavier	Sem data/25ª edição	Sem data
10	Campus ⁸	Monica Bana Álvares	3.ª edição/2003	Sem data
11	Centauro Editora	Brasil Bandecchi	10.ª edição\ 2003	2001
12	EdunB	Sérgio Bath	2ª edição\1989	Sem data
13	Vozes	Hingo Weber	2011\1ª edição	2007
14	Hedra	José Antônio Martins	2010\ 1ª edição	2010

⁶ Tradução indireta da Língua Espanhola, conforme informado pela editora por e-mail.

⁷ Consta apenas que os direitos de tradução foram cedidos pela Athena Editora

⁸ Tradução indireta da Língua Espanhola, conforme ficha catalográfica.

	Editora	Tradutor	Data/edição em nossas mãos	Data da 1ª edição
15	Penguin Companhia	Maurício Santana Dias	2010	2010
16	Revista dos Tribunais	J. Cretella Jr. e Agnes Cretella	2003\ 3.ª edição	Sem data
17	Hemus	Edson Bini	1ª edição da nova tradução\ 1996	1996

Diante de um número tão expressivo de traduções – número apenas indicativo para a confirmação da relevância da obra e para fins da pesquisa, pois acreditamos que exista um número ainda maior –, tivemos que estabelecer alguns critérios para escolher as traduções objeto de nosso estudo. Em primeiro lugar, estabelecemos que somente fôssemos trabalhar com traduções diretas da Língua Italiana, doravante LI. Tal escolha se justifica basicamente por dois motivos: necessidade de uniformização do *corpus*, buscando, assim, cotejar traduções feitas a partir da mesma língua original e o fato de que a autora desta dissertação é falante nativa de PB e diplomada em Letras com habilitação ao ensino de língua portuguesa e língua italiana, o que permite que sejam feitas análises comparativas entre as duas línguas no momento da apresentação dos dados e das análises. Assim, eliminamos as traduções números 10 e 4 por se tratarem de traduções indiretas do idioma espanhol.

O próximo parâmetro considerado foi selecionarmos traduções semelhantes quanto à data, uma vez que as línguas se modificam ao longo do tempo e assim o significado das palavras pode mudar ou assumir nuances diferentes, fato gerador de um neologismo semântico. Portanto, entendemos que seria mais pertinente fazer um cotejo entre traduções similares quanto à época. Além disso, conforme vimos no capítulo anterior, as maneiras de traduzir mudam ao longo dos tempos, o que reforça a necessidade de comparar traduções semelhantes quanto ao fator temporalidade.

Nesse momento, enfrentamos a primeira dificuldade de nossa pesquisa: determinar a data das primeiras edições das obras, tendo em vista que boa parte das fichas catalográficas não traz essa informação, conforme ilustrado na tabela acima. Frisamos que a determinação da data da 1ª

edição é de fundamental importância, uma vez que pode acontecer que uma edição publicada em 2011, por exemplo, seja uma reimpressão de uma 1ª edição publicada em 1977. Desta forma, embora publicada em um período recente, a tradução em si teria sido realizada há mais de 30 anos e carregaria as marcas linguísticas da década de 1970. Portanto, fizemos contato com as editoras solicitando tal informação. Infelizmente, somente obtivemos respostas das editoras Vozes e Hemus. Desta forma, quanto ao critério temporalidade, resolvemos fazer um recorte que eliminasse as traduções realizadas há mais de 15 anos. Eliminamos, então, as traduções números 3, 5, 6, 8, 9, 12 e 17. As traduções número 2 e 4 foram eliminadas, porque as fichas catalográficas não apresentavam sequer a informação das datas das edições que tínhamos em mãos.

Após a eliminação das traduções indiretas e daquelas realizadas há mais de 15 anos, ficamos com sete traduções, a saber: números 1, 7, 11, 13, 14, 15 e 16. Partimos, então, para o terceiro critério: o perfil profissional do tradutor. Realizamos, então, pesquisas sobre quem eram os tradutores e quais traduções já haviam realizado anteriormente. Tais pesquisas foram realizadas em sites da internet e através de contato por e-mail com as editoras. Seguem informações que conseguimos levantar:

- 1- Pietro Nasseti (tradutor número 1 da tabela). Segundo apuramos, teria traduzido Shakespeare, Maquiavel, Descartes, Rousseau, Voltaire, Schopenhauer, Balzac, Poe e outros, sempre pela Editora Martin Claret. Foram encontradas, também, através de buscas em sites da internet, várias acusações de plágio envolvendo a referida editora e o tradutor. Como exemplo, citamos o blog “Não gosto de Plágio”,⁹ criado pela tradutora e ex-professora da Unicamp Denise Bottman. Esse blog é fruto de uma pesquisa detalhada feita pela referida tradutora através de cotejos entre traduções diferentes de diversas obras, principalmente clássicos da literatura e da filosofia universal. Através da aludida pesquisa, Denise Bottman apurou que traduções antigas e desaparecidas do mercado são relançadas com

⁹ Endereço do blog: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

nomes de tradutores fictícios (Pietro Nasseti, Jean Melville, Alex Martins), para que não sejam pagos direitos autorais aos tradutores originais nem às editoras que publicaram as traduções pela primeira vez. No caso específico da Editora Martin Claret, dos 500 títulos lançados, 158 apresentam problemas de tradução, com 49 plágios já confirmados. Frisamos que tais dados se baseiam sempre na supracitada pesquisa de Denise Bottman.

- 2- Antônio Caruccio-Caporale (tradutor número 7 da tabela). Apuramos que já traduziu Dumas, Julio Verne e outras obras de Maquiavel.
- 3- Brasil Bandecchi (tradutor número 11 da tabela). Foi advogado, historiador e político. Escreveu diversas obras sobre história do Brasil: *Origens do latifúndio no Brasil; História da civilização brasileira e Anti-Tordesilhas*. Ocupou a cadeira de número 38 da Academia Paulista de Letras. Não encontramos referências a outras traduções realizadas por ele.
- 4- Hingo Weber (tradutor número 13 da tabela). Filósofo formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor de Filosofia. Autor em parceria com Cinara Nahra do livro *Através da lógica*. Não encontramos outras traduções realizadas por ele.
- 5- José Antônio Martins (tradutor número 14 da tabela). Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo com período sanduíche na *Università degli Studi di Pisa* e professor de Filosofia da Universidade do Estado de Maringá. Não encontramos referências a outras traduções realizadas por ele.
- 6- Maurício Santana Dias (tradutor número 15 da tabela). Diplomado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com habilitação em Língua Portuguesa e Língua italiana, com mestrado em Teoria da Literatura pela mesma universidade. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. É professor da Universidade de São Paulo (USP). Entre suas traduções, destacamos: *40 novelas de Pirandello* (tradução vencedora do Prêmio Paulo Rónai da Fundação Biblioteca Nacional em 2008); *71 contos de Primo Levi*; *A especulação imobiliária*, de Italo Calvino, e *Trabalhar*

cansa, de Cesare Pavese (tradução premiada no Prêmio Jabuti em 2010 - terceiro lugar).

- 7- José Cretella Junior e Agnes Cretella (tradutores números 16 da tabela). José Cretella Junior é jurista e professor emérito de Direito Administrativo na Faculdade de Direito da USP. Membro da Academia Paulista de Letras, onde ocupa a cadeira de número 1 (um). Quanto a Agnes Cretella, não encontramos informações precisas relativas ao seu perfil profissional.

Relativo ao terceiro critério, eliminamos somente a tradução número 1, em razão das inúmeras acusações de plágio encontradas. Levar em conta o perfil do tradutor para a escolha da editora, cujo texto será analisado, foi um critério importante. Contudo, o referido critério foi combinado a outro, que também julgamos relevante, qual seja: o tratamento dado à palavra *virtù*. Justifica-se essa opção por ser o referido termo o alvo de nossa pesquisa. Cremos, portanto, que seria interessante selecionar traduções nas quais houve tratamentos diferentes ao vocábulo.

Fizemos, então, primeiramente, um levantamento de todas as ocorrências da palavra *virtù* e das derivações das mesmas no texto original. Para isso, utilizamos o já acima referido site IntraText, muito útil aos pesquisadores, o que permite uma busca rápida da presença de vocábulos nos textos. Reiteramos que a edição da obra presente em tal site é: // *príncipe di Niccolò Machiavelli*. Einaudi Editore: 1972, edição organizada por Luigi Firpo.

Posteriormente, fizemos um arrolamento do tratamento dado e das opções de tradução para a palavra *virtù* nas seis traduções escolhidas por ora, constituidoras do *corpus* da pesquisa. Salientamos que esse levantamento preliminar de dados foi importante para a definição de nosso *corpus* de estudo, assim como para demonstrar a diversidade e a variedade de escolhas tradutórias feitas pelos tradutores para a tradução de apenas uma palavra. Esta segunda parte da pesquisa foi realizada manualmente, tendo em vista que as traduções que tínhamos em mãos eram impressas, não permitindo, portanto, o uso de recursos de computação para agilizar a pesquisa. Seguem dados apurados:

Tabela 2

Editora	Tradutor	Tradução do termo <i>virtù</i> para o PB	Número de ocorrências
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Mérito	1
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Coragem	6
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Valor	29
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Alcance	1
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Habilidade	2
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Força	2
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Vigor	1
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Vida	1
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Virtude	9
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Não utilização de um equivalente direto ¹⁰	2
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Poder	1
Revista dos Tribunais	José Cretella Junior e Agnes Cretella	Qualidade	5
Penguin Companhia das Letras	Maurício Santana Dias	Virtude	57
Penguin Companhia das Letras	Maurício Santana Dias	Valor	1
Penguin Companhia das Letras	Maurício Santana Dias	Potência	1
Penguin Companhia das Letras	Maurício Santana Dias	Vida	1
Editora Centauro	Brasil Bandecchi	Virtude e derivações	20
Editora Centauro	Brasil Bandecchi	Valor	8

¹⁰ Incluímos nesta categoria as passagens em que os tradutores optaram por fazer rearranjos sintáticos e semânticos de maneira que haja equivalência de sentido, não sendo, entretanto, possível determinar qual palavra é a corresponde ao termo *virtù* no texto traduzido.

Editora	Tradutor	Tradução do termo virtù para o PB	Número de ocorrências
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Qualidades	4
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Não utilização de um equivalente direto	7
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Mérito	2
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Alcance	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Coragem	4
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Vontade	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Qualidade militar	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Omissão	3
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Qualidade militar	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Espírito bélico	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Espírito italiano	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Tropas italianas	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Habilidade e valor	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Aptidões	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Qualidade e valor	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Boas qualidades	1
Editores Centauro	Brasil Bandecchi	Qualidades pessoais	1
Vozes	Hingo Weber	<i>Virtù</i>	58
Vozes	Hingo Weber	Vida	1
Vozes	Hingo Weber	Virtude	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Virtude e derivações	25
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Bravura	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Mérito (<i>virtù</i>)	7
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Qualidade (<i>virtù</i>)	8
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Predicados (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Gênio (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Capacidade (<i>Virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Dotes (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Trajetória	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Habilidades (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Engenho (<i>virtù</i>)	1

Editora	Tradutor	Tradução do termo <i>virtù</i> para o PB	Número de ocorrências
L&PM Pocket	Antônio Caruccio Caporale	Intrepidez (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Importância (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Valor (<i>virtù</i>)	4
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Grandeza (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Nobreza (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Força (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Reforços (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Valia (<i>virtù</i>)	1
L&PM Pocket	Antônio Caruccio-Caporale	Bravura (<i>virtù</i>)	1

Pela tabela acima, podemos assegurar que Maurício Santana Dias e Antônio Caruccio- Caporale dedicaram ao termo *virtù* um tratamento diferente das demais traduções, fato que nos levou a selecionar ambas para compor o *corpus* de nossa pesquisa.

As traduções de Hingo Weber e José Antônio Martins são bastante semelhantes no tocante ao tratamento dado ao termo em estudo. O perfil acadêmico-profissional dos dois tradutores é também similar: ambos são graduados em Filosofia. Assim, optamos pela tradução de Hingo Weber para compor nosso *corpus*, em função de a Editora Vozes ser uma editora de grande circulação nacional.

As traduções de Brasil Bandecchi (Editora Centauro) e José Cretella Júnior, em conjunto com Agnes Cretella, são também bastante análogas quanto ao tratamento dado ao termo *virtù*: ambas optam pela tradução do mesmo através de diversos vocábulos do PB, conforme o contexto. Decidimos, então, pela tradução de Brasil Bandecchi. Decisão tomada tendo em vista que o perfil do tradutor da Revista dos Tribunais era parecido com o do tradutor da já selecionada Editora Penguin, ambos são professores universitários, fato que poderia levar a soluções tradutórias parecidas. Além

disso, o tradutor Brasil Bandecchi tem um perfil mais parecido com aquele do público leitor para quem Maquiavel destinou sua obra, pela sua formação de historiador, político e advogado. José Cretella tem uma formação específica em direito administrativo, portanto mais técnica do que humanística.

Desta forma, nosso *corpus* foi finalmente estabelecido: Hingo Weber (Editora Vozes); Maurício Santana Dias (Editora Penguin Companhia das Letras); Antônio Caruccio-Caporale (Editoras L&PM Pocket); e Brasil Bandecchi (Editora Centauro).

CAPÍTULO 3: REFERENCIAL TEÓRICO

MODALIDADES DE TRADUÇÃO

Uma vez que o *corpus* de nossa pesquisa é formado por textos traduzidos, entendemos ser necessário ilustrar as modalidades de tradução adotadas que orientam nossa análise. Os próximos parágrafos são dedicados a isso.

Aubert (1998, p.99-128), no texto *Modalidades de tradução: teoria e resultados*, apresenta 13 modalidades de tradução. Tais modalidades foram baseadas em Vinay e Darbernet (1958) e adaptadas por Aubert para as necessidades específicas da análise do *corpus*. Segue citação do referido texto, na qual há uma apresentação sucinta dessas modalidades tradutórias com a especificação dos contextos de seu emprego:

- “Omissão: acontece quando um elemento do texto da língua de partida não pode ser reconstruído no texto da língua de chegada. As omissões podem ocorrer por inúmeras razões, tais como censura, limitações físicas de espaço, irrelevância do segmento textual em questão para os objetivos tradutórios específicos;
- Transcrição: presença de termos estrangeiros no texto de partida, isto é, termos de nenhuma das línguas envolvidas no ato tradutório e que são mantidos no texto de tradução. Essa modalidade é adotada também em caso de fórmulas matemáticas, etc.
- Empréstimo: é um segmento textual do texto da língua de partida reportado integralmente no texto da língua de chegada. Quando ocorre o empréstimo, os tradutores, em geral, optam por usar marcadores específicos de empréstimos (aspas,

itálico, negrito, etc.), mas nem sempre há a presença de tais marcadores.

- Decalque: sobrevém quando uma palavra ou expressão cedida da língua de partida é submetida a adaptações gráficas e/ou morfológicas para adequar-se às convenções da língua de chegada. Para que a modalidade de tradução possa ser considerada um decalque, é necessário que o vocábulo não esteja registrado nos principais dicionários recentes da língua de chegada.
- Tradução literal: tradução palavra por palavra, em que o texto da língua de chegada apresenta rigorosamente o mesmo número de palavras; na mesma ordem sintática e o emprego das mesmas categorias gramaticais do texto da língua de partida.
- Transposição: esta modalidade acontece sempre que ao menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal não é observado no texto traduzido, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos.
- Explicitação-implicitação: quando elementos implícitos no texto da língua de partida se tornam explícitas no texto da língua de chegada, ou vice-versa.
- Modulação: ocorre quando um determinado segmento textual é traduzido de forma não literal e com mudanças morfossintáticas, embora seja mantido o mesmo efeito geral de sentido no contexto específico.
- Adaptação: quando o tradutor opta por estabelecer uma equivalência parcial de sentidos,

sem qualquer aspiração a atingir uma equivalência completa. Essa modalidade é adotada nos casos de representações culturais, personagens, objetos, cargos, instituições, etc... não existentes ou muito diferentes entre as culturas envolvidas.

- Tradução intersemiótica. Os casos mais comuns de traduções intersemióticas acontecem quando o texto de partida pertence a um gênero textual diferente do texto de chegada, como no caso de uma tradução fílmica a partir de um livro. A tradução intersemiótica é empregada também para a representação de figuras, ilustrações, logomarcas, brasões, etc.
- Erro: essa categoria abarca apenas os casos evidentes e inquestionáveis de equívocos tradutórios, não incluindo as escolhas tradutórias vistas como inadequadas, estilisticamente inconsistentes, etc.;
- Correção: quando o tradutor opta por “corrigir” o texto da língua de partida, corrigindo erros factuais, linguísticos ou inadequações.
- Acréscimo: trata-se de qualquer segmento textual incluído no texto da língua de chegada pelo tradutor por sua própria conta, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto da língua de partida” (Aubert; p.105-109)

Vários outros teóricos também se preocuparam em estudar modalidades tradutórias como, por exemplo, no Brasil: Heloisa Barbosa (1990); no exterior, Torop (2010) e Osimo (2005).

ARCABOUÇO TEÓRICO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Conforme já mencionado, esta dissertação filia-se à área de estudos da Linguística Textual, doravante LT. Assim, nas próximas páginas, abordaremos dois conceitos básicos da LT, fundamentais para nossa pesquisa, a saber: o texto e a compreensão de texto.

O TEXTO

No livro *Introdução à linguística textual*, Koch (2009, p. 12) enumera várias concepções de texto que fundamentaram os estudos da LT nas últimas décadas. Vejamos tais concepções:

“a) Texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);

b) Texto como signo complexo (concepção de base semiótica);

c) Texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);

d) Texto como ato de fala completo (concepção de base pragmática);

e) Texto como produto de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);

e) Texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);

f) Texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitiva);

g) Texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos. (concepção de base sociocognitiva-interacional) “(p.12).

A partir da multiplicidade de entendimentos vista acima, podemos perceber a importância de definir, de forma precisa, qual conceito de texto servirá de base para esta dissertação. Para tal, entretanto, acreditamos ser necessário aprofundar um pouco no tema. Não obstante a variedade de concepções sobre texto, Koch e Elias no capítulo 1 do livro *Ler e*

compreender: os sentidos do texto (2006) defendem que, subjacentes a tais conceitos, existem basicamente duas formas de se pensar o texto: como um processo ou como um produto. Para as referidas autoras, entender o texto como produto remete para um conceito de texto que concebe o autor como um sujeito racional que possui uma representação mental e através da comunicação linguística deseja que essa representação seja “capturada” pelo interlocutor da maneira como foi concebida. Assim, o texto seria somente um produto lógico do pensamento do autor, ficando ao cargo do leitor apenas a tarefa de decodificar essa representação mental, juntamente com as intenções do autor. Dentro desta perspectiva, o leitor exerceria um papel passivo na leitura de mero decodificador do código linguístico.

Koch e Elias (2006) continuam suas reflexões e afirmam que adotar o conceito de texto como produto, por outro lado, implica compreender que o sentido de um texto não preexiste à leitura, mas é construído na interação *autor-texto-leitor*. A leitura seria, portanto, uma atividade interativa de alta complexidade de produção de sentidos que se realiza, obviamente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que exige também a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos no interior do evento comunicativo. Desta forma, todo texto pode gerar muitas leituras, sendo um processo em constante elaboração e que permite diversas possibilidades de recepção pelos diferentes leitores ou mesmo por um único leitor em diferentes momentos. Dito de outra forma, todo texto estaria entremeado de espaços brancos, de implícitos, de lacunas a serem preenchidas pelo leitor. Nesta mesma obra, algumas páginas adiante, Koch e Elias (2006) apresentam suas concepções de texto como um lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos. Vejamos uma citação das referidas autoras:

O texto é um lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objeto-de-discursos e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua lhes põe à disposição. A essa concepção subjaz, necessariamente, a ideia de que há, em

todo e qualquer texto, uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis pela mobilização do contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais (KOCH; ELIAS, 2006, p. 9).

Dell'Isola (1991) concorda com a ideia de texto como processo. Essa estudiosa, em seu livro *Leitura: inferências e contexto sociocultural*, afirma que nenhum texto apresenta um sentido único, imutável, depositado em algum lugar. Texto, segundo a referida autora, quer dizer “tecido”, não um produto, mas uma produção. De igual maneira, a leitura não é um produto, antes, uma produção, um processo. Assim, a leitura é produzida à medida que o leitor interage com o texto.

Barthes (2004), por sua vez, em seu famoso ensaio *A morte do autor*, apresenta uma definição de texto bastante original e muito citada por vários estudiosos posteriores dos estudos da linguagem. Esclarecemos que, embora o autor estivesse se referindo ao texto literário, entendemos que podemos estender suas ideias para qualquer tipo textual. Para Barthes, todo texto é feito de escritas múltiplas que dialogam entre si, e essa multiplicidade de escritas se reúnem não na origem, ou seja, no autor, mas em seu destino: o leitor. Vejamos as palavras do renomado ensaísta e estudioso francês:

O texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito (BARTHES, 2004, p. 5).

Após essa breve apresentação de concepções de texto para diversos autores, elucidamos que nesta dissertação conceberemos o texto como um processo e adotaremos, sobretudo, o conceito de texto de Koch e Elias, ou seja, veremos o texto como um lugar de interação social em que autor e leitor se constituem e constroem propostas de sentido.

A COMPREENSÃO DE TEXTO

A compreensão de texto é vista por Koch (2006) como um fenômeno que varia conforme as circunstâncias de leitura e depende de fatores múltiplos, complexos e inter-relacionados entre si. Esses fatores dividem-se entre: 1- ligados ao autor-leitor, tais como bagagem cultural, contexto em que o texto foi produzido e objetivos da leitura; e 2 - vinculados ao texto. Sendo esses últimos subdivididos em dois grupos: aspectos materiais como tamanho da letra, comprimento das linhas, textura do papel e aspectos linguísticos.

Kleiman (2000), na obra *O texto e o leitor. Aspectos cognitivos da leitura*, considera fundamental a percepção do conjunto de componentes mentais que levam à compreensão de textos escritos, assim como a reflexão sobre os mesmos. Embora o foco de seu estudo seja os aspectos cognitivos, como o próprio título do livro já anuncia, a autora esclarece que também adota a concepção da leitura como ato social, pressuposto subjacente ao seu estudo. Nos próximos parágrafos, abordaremos brevemente o referido livro.

No primeiro capítulo, Kleiman (2000) afirma que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza e se concretiza apenas através da utilização por parte do leitor de seus conhecimentos prévios. A autora divide os conhecimentos prévios em três tipos: conhecimento linguístico; conhecimento textual (trata-se do conjunto de noções e conceitos sobre o texto, tais como, tipos, gêneros textuais); e por último, os conhecimentos de mundo ou conhecimentos enciclopédico, cuja ativação no momento oportuno é essencial para a compreensão de um texto. Desta forma, será a procura por parte do leitor de suas lembranças e conhecimentos que garantirão a compreensão do texto, uma vez que nenhum texto explicita tudo, mas fornece pistas e sugere caminhos de leitura.

No segundo capítulo, a autora aponta duas atividades relevantes no processo de compreensão de texto escrito, a saber: o estabelecimento de objetivos e a formulação de hipóteses. No caso da primeira atividade,

Kleiman afirma que há evidências inequívocas de que nossa capacidade de processamento e de memória melhoram significativamente quando é fornecido um objetivo para a tarefa de leitura. Tocante à formulação de hipóteses, essa atividade permite que certos aspectos essenciais do processamento da leitura se tornem possíveis, tais como o reconhecimento global e instantâneo de palavras e frases relacionadas ao tópico que se está lendo, bem como inferências sobre palavras não percebidas durante o movimento do olho na leitura. Tanto o reconhecimento instantâneo quanto a inferência são fundamentais para uma leitura rápida, que, por sua vez, é essencial para não sobrecarregar os mecanismos do processamento inicial (chamado de memória imediata) com o material que nossos olhos, muito rapidamente, continuam a trazer para o cérebro processar. Se o material que nossos cérebros estão percebendo não for processado rapidamente, chegará um momento em que a compreensão textual ficará bastante comprometida, podendo inclusive chegar ao ponto da leitura se tornar apenas uma atividade mecânica de passar os olhos pelas páginas, sem que haja efetiva compreensão do texto.

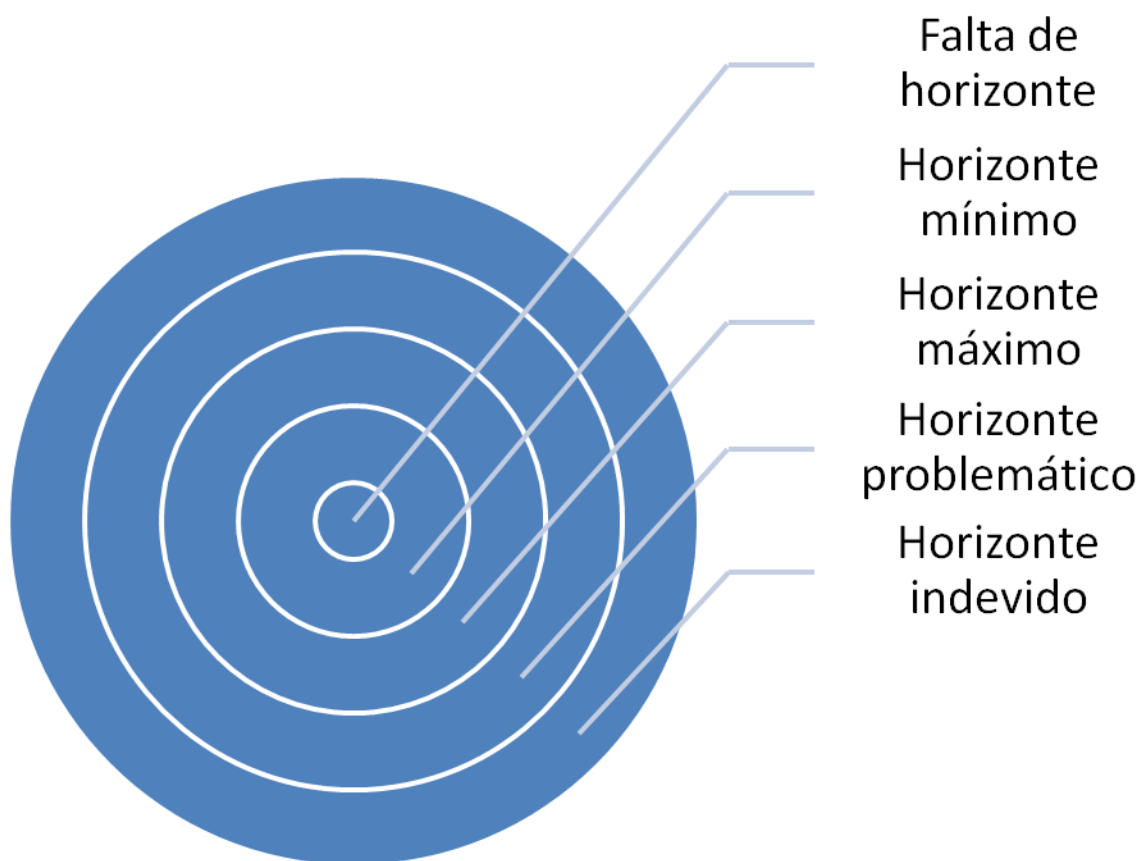
No capítulo seguinte, Kleiman (2000) trata da componente textual na compreensão de textos, ou seja, os elementos presentes materialmente nos textos – tanto gráficos quanto linguísticos- que permitem ao leitor recuperar a intenção do autor.

Finalmente, no último capítulo, a autora aborda o caráter interacional da leitura, o qual pressupõe a figura do autor presente no texto através das marcas formais que atuam como pistas para a reconstrução do caminho percorrido por ele durante a produção do texto. Kleiman focaliza o papel do leitor na atividade da leitura e define leitura como “*interação à distância entre leitor e autor via texto*” (2000, p.65). Nessa interação, leitor-autor, mediada pelo texto, o leitor procura pistas, formula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, construindo, assim, um significado para o texto.

Marcuschi (2008), por sua vez, no livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, afirma que todo texto é composto por camadas. Assim, as camadas internas são as informações objetivas, como, por exemplo, dados factuais, nomes, lugares, etc. Em seguida, vem uma camada que é passível de receber interpretações diversas e válidas. É o

terreno das inferências. A camada seguinte é mais complexa e pode implicar muitos equívocos interpretativos, já que é o campo de nossas crenças e valores pessoais. Por fim, existe uma camada que está no campo das extrapolações.

Seguindo esse raciocínio, Marcuschi (2008) fala de 5 (cinco) horizontes na interpretação de textos e apresenta um diagrama para uma melhor compreensão dos horizontes:



O texto original é obviamente aquele que recebemos para leitura, o qual como qualquer outro texto, permite várias leituras. Essas diferentes maneiras são horizontes de interpretação diversos. Segue explicação de Marcuschi (2008) para cada um dos citados horizontes:

- 1- Falta de horizonte: leitura que apenas repete o que está dito de forma explícita no texto. Conservar-se nesse nível de leitura é atuar como se o texto só contivesse dados objetivos escritos de modo transparente e claro.
- 2- Horizonte mínimo: é a chamada “leitura parafrástica”. Essa perspectiva de leitura admite que o leitor insira elementos novos no texto, mas de maneira a não interferir de forma significativa no texto. A leitura fica, assim, mais restrita a uma atividade de identificação de informações objetivas que podem ser ditas com outras palavras.
- 3- Horizonte máximo: leitura que não se limita à paráfrase nem fica reduzida à repetição. Esse horizonte é representado pelas inferências e compõe o horizonte máximo da produção de sentidos.
- 4- Horizonte problemático: leitura de caráter pessoal, em que o emprego de conhecimentos pessoais é muito grande. Trata-se do âmbito da extrapolação.
- 5- Horizonte indevido: é a leitura incorreta propriamente dita.

Diante do exposto acima e em consonância com a postura dos autores apresentados, entendemos a compreensão de texto como um processo complexo e dependente de vários fatores; sendo todo texto passível de múltiplas leituras e atribuições de sentidos por parte dos leitores.

Após estabelecermos as bases teóricas da LT que fundamentam esta dissertação, bem como termos apresentado as modalidades tradutórias de Aubert (1998) que nos auxiliarão nas análises de nosso *corpus*, tratamos no próximo capítulo especificamente do vocábulo *virtù* e dos significados da palavra “*virtude*” em PB e em LI.

CAPÍTULO 4: A PALAVRA “VIRTUDE” E O TERMO *VIRTÙ*

Conforme já dissemos, a importância de *O príncipe* para a literatura e a filosofia ocidental é inegável, sendo a obra lida e analisada nos cursos de Ciência Política, Direito, Filosofia, entre outros, em todo o mundo. Um dos termos-chave para uma compreensão adequada da obra é o termo *virtù*, o que pode ser comprovado pelo grande número de pesquisas dedicadas ao supracitado vocábulo e pelo tratamento diferenciado que os tradutores dedicaram ao mesmo. Reiteramos que o vocábulo *virtù* é normalmente traduzido por “virtude” em PB. Entretanto, essa palavra possui uma grande peculiaridade dentro da obra de Maquiavel: a multiplicidade de sentidos, o que será abordado de forma mais aprofundada neste capítulo.

Além disso, a grande distância temporal existente entre a obra original e sua tradução dificulta ainda mais a compreensão do termo, tanto pelos fatores já supracitados relacionados com a tradução de textos antigos quanto pela vasta gama de significados que o próprio termo *virtù* por si só já encerra.

Este capítulo é, portanto, destinado a apresentar e discutir as diversas conotações de sentidos que a palavra “virtude” possui, seja em seu sentido geral, seja no sentido filosófico. E, naturalmente, abordamos o significado do termo *virtù* dentro da obra maquiaveliana.

SENTIDO GERAL DA PALAVRA “VIRTUDE” EM PB E EM LI

Apresentamos a seguir o sentido da palavra “virtude” conforme o *Dizionario Treccani della Lingua Italiana*. Abordamos, também, o sentido desse vocábulo presente no dicionário *Michaelis* do português brasileiro, para que possamos fazer um cotejo.

Segundo o supra mencionado dicionário da língua italiana, atualmente, é possível identificar vários matizes de sentido para a palavra “virtude” na LI, entre os quais destacamos:

- 1- “Disposição natural para fazer o bem, perseguido este como um fim em si mesmo, não visando qualquer prêmio ou recompensa. Na teologia católica, hábito através do qual se vive retamente.
- 2- No uso literário, com significado mais próximo do latim, para indicar a força consciente e perseverante pela qual o indivíduo age para obter um objetivo, resistindo às adversidades da sorte.
- 3- Com sentido próximo àquele que a palavra ἀρετή possuía junto aos gregos: capacidade de completar uma determinada obra, possibilidade de atingir um certo objetivo.
- 4- Obra da vontade de Deus. *A virtude divina*;
- 5- Milagre. Fazer virtude
- 6- Como locução “em virtude de”, “por mérito de”, “graças à”. ¹¹

Já o dicionário *Michaelis da Língua Portuguesa* (1998) assim define a palavra “virtude”:

1 - Hábito de praticar o bem, o que é justo; excelência moral; probidade; retidão. 2 – Boa qualidade moral. 3 - O conjunto de todas as boas qualidades morais; 4 - Austeridade no viver; 5- Força moral; valor, valentia, coragem. 6- Ação virtuosa. 7- Castidade, pudícia. 8 - Validade, força, vigor. 9- Qualidade própria e para produzir certos efeitos e determinados resultados; propriedade, eficácia. Sentido Teol. Um dos coros dos anjos. Antôn (acepção 1): vício. Virtudes cardeais: grupo de virtudes proeminentes: a) entre os antigos e entre os escolásticos, as virtudes naturais: prudência, justiça, temperança e fortaleza; b) as sete virtudes que incluem, além das virtudes naturais, as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Virtudes naturais: as quatro virtudes cardeais: prudência, justiça, temperança e fortaleza, distinguidas no escolasticismo das três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Em virtude de: por efeito de, em consequência de. (p. 1.997)

Fazendo um cotejo entre as definições encontradas no *Dizionario Treccani della Lingua Italiana* e no *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa*, podemos afirmar que em ambos os dicionários foi dada bastante ênfase à acepção cristã da palavra. O sentido de “coragem” e “força” mereceu mais destaque no dicionário italiano, tendo sido apenas mencionado no dicionário da língua portuguesa.

¹¹ Tradução nossa.

SENTIDO TEOLÓGICO DA PALAVRA “VIRTUDE”

Segundo o *Dicionário teológico enciclopédico* (2003), a teologia católica distingue as virtudes em intelectuais e morais; as primeiras derivam do intelecto e as segundas orientam a vontade em direção ao bem; distingue, também, as virtudes naturais (ou adquiridas), ou seja, adquiridas com o exercício de atos bons e infundidas, que são conseqüências da obra de Deus nos homens. Nas virtudes infundidas estão abrangidas, segundo a opinião da maioria dos teólogos, tanto as virtudes teologais, que possuem Deus como objeto formal – a fé, a esperança e a caridade –, quanto as virtudes morais, que possuem algo distinto de Deus como objeto formal, entre as quais as principais são as virtudes cardeais.

SENTIDOS FILOSÓFICOS DA PALAVRA “VIRTUDE”

Após consulta a dicionários de filosofia, percebemos que o conceito de “*virtude*” é bastante recorrente na filosofia e que esse sofreu diversas variações semânticas no decorrer dos tempos. Nos próximos parágrafos falaremos sucintamente da acepção de “*virtude*” na Antiguidade clássica, na Roma antiga e no Cristianismo pré-renascimento. Tais momentos históricos foram selecionados, uma vez que são anteriores ao tempo de Maquiavel, podendo, portanto, terem influenciado nosso autor. Todas as informações que seguem foram retiradas do *Dizionario di Filosofia Treccani*¹²

A “*virtude*” torna-se objeto de pesquisa filosófica com Sócrates, o qual se interroga sobre o que seria exatamente tal conceito. Para esse filósofo, existe uma estreita dependência da *virtude* em relação ao saber, sendo o conhecimento intrínseco à essa.

Platão, desenvolvendo a teoria de Sócrates, afirma que todas as *virtudes* são conseqüências da sabedoria. Dentro desta visão, as *virtudes* são, portanto, sempre ensináveis. Da única *virtude* do conhecimento são derivadas quatro outras fundamentais: a inteligência, o valor ou coragem, a prudência e a justiça, denominadas, posteriormente, no mundo cristão,

¹² Consultamos a versão *on-line* do dicionário, disponível em: http://www.treccani.it/catalogo/catalogo_prodotti/i_grandi_temi/dizionario_filosofia.html. Acesso em: 20 mar. 2014.

como as quatro virtudes cardeais, que são: a Prudência, a Temperança, a Justiça e a Fortaleza.

Com Aristóteles, a virtude transforma-se em um hábito, uma qualidade estável da alma que o homem não possui por natureza, mas adquire operando e realizando os atos correspondentes a cada virtude. Aristóteles distingue entre as virtudes dianoéticas e éticas, considerando as primeiras como ligadas à parte racional da alma e as segundas como pertencentes ao impulso sensível.

Para os romanos, a virtude era personificada na divindade *Virtus*, que simbolizava o valor militar e pertence junto com *Honos*,¹³ que em PB significa “honra”, ao ciclo de Marte. *Virtus* é representada em moedas da época republicana com somente a cabeça; já em moedas da época imperial, é representada de pé com elmo, lança e espada, sozinha ou associada a *Honos*. É entendida e proclamada sobre inscrições e moedas como *Virtus Augusti, Romanorum exercitus militum*. Devido a este significado de valor militar, *Virtus* foi associada à *Bellona*,¹⁴ deusa da guerra.

Com o Cristianismo a virtude deixa de ser um ideal puramente humano de perfeição, e para além das quatro virtudes platônicas – conhecidas no mundo cristão como virtudes cardeais –, são retomadas as virtudes teologais (fé, esperança e caridade) que conduzem o homem a Deus. Para Santo Agostinho, a única virtude real é o amor de Deus, o que resulta na capacidade do homem para viver em retidão, e tal virtude não é uma conquista do homem, mas uma dádiva de Deus, posto que “*Deus opera em nós sem nós*”.

A VIRTÙ MAQUIAVELIANA

¹³ Divindade alegórica à qual os romanos ergueram um templo ao lado da deusa *virtus*. Para os romanos, a honra residia somente nas ações virtuosas. Assim, era necessário passar primeiro pelo templo da *Virtus* para depois entrar no templo de Honos. (*Dicionário da mitologia latina*. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo Editora Cultrix 1982. p. 70).

¹⁴ Irmã, esposa, filha ou ama do deus Marte. Era esta divindade que preparava o carro de combate e os cavalos de Marte, quando este partia para a guerra. Mostrava-se nas batalhas com o semblante formidável, cabelos esparsos, uma tocha numa das mãos e um látigo na outra, com o qual fazia retumbar o éter. (*Dicionário da mitologia latina*. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo Editora Cultrix 1982. p. 83).

Russel Price, professor na Lancaster University, no texto: “*The senses of the virtù* (1973), afirma que muitos estudiosos do pensamento de Maquiavel consideram que a *virtù* é um dos conceitos centrais na obra de Maquiavel, não obstante ainda não se poder afirmar que a *virtù* maquiaveliana tenha sido estudada de forma satisfatória. Para Russel (1973), o estudo da ideia de *virtù* requer uma consideração sistemática, não só dos sinônimos do conceito, mas também de seus antônimos, uma vez que uma compreensão completa de qualquer ideia não pode ser alcançada sem uma consciência do que ela exclui ou que ideias se opõem a ele. Assim, Russel apresenta as seguintes palavras como principais sinônimos para o termo em estudo: “ânimo”, “força”, “destreza” e “engenho”; os antônimos mais importantes são “vilidade”, “ócio” e “fraqueza”. Há também ideias que devem ser consideradas como “elementos” de *virtù*, como “furor”, “prudência”, “astúcia” e “arte”. A relação de *virtù* com as ideias de “mérito”, “maldade” e “bondade” também precisa de um exame aprofundado, no entendimento de Russel.

A importância do vocábulo na obra de Maquiavel é ratificada, segundo Russel(1973), pelo grande número de utilizações, a saber: 70 ocorrências em *O príncipe*;¹⁵ 248 nos “*Discorsi*”; 101 no “*Fiorentine Istorie*”; 63 em “*Dell’arte della guerra*”; 37 no “*Il teatro e tutti gli scritti letterari*”; 10 em “*Castruccio Castracani*”; oito na “*Lettere*”; e 48 no “*Legazioni e commissarie*”.

Outra colocação bastante interessante de Russel (1973) é que o termo *virtù* é um caso entre outros de mudança semântica que ocorreu no Renascimento italiano, com o resgate da origem latina e seu significado de muitas palavras. Lembremos que uma das características do Renascimento é, de fato, a retomada de valores da antiguidade clássica.

Souza (2003), mestre e doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, aborda, em sua dissertação de mestrado, o conceito de *virtù* em Maquiavel, analisando, sobretudo, duas obras do autor: *I Discorsi* e *Il príncipe*. Essa pesquisadora afirma que o conceito de “virtude”

¹⁵ No site IntraText, foi-nos indicado as seguintes frequências de uso da palavra *virtù* em *O príncipe*: 60 da própria palavra e 10 de derivações da mesma. Assim, acreditamos que os dados de Price incluam também as derivações do termo, tais como: *virtuoso*, *virtuosissimamente*, etc

era amplamente utilizado na época em que Maquiavel escreveu suas obras; entretanto, seu sentido relacionava-se em geral à doutrina católica. Desta forma, para Souza (2003), a acepção de virtude da época era a cristã por excelência, ou seja: a prática do bem em detrimento da prática do mal. Vejamos uma citação da referida pesquisadora:

A ação virtuosa assim compreendida diz respeito a uma ação que expressava os valores cristãos, implicando necessariamente na prática do bem segundo tais valores. Em outras palavras, caracterizava pela reunião de valores elevados pelo Cristianismo (que são os valores contidos na lógica do “bem”, do “dever ser”). “Nesse sentido, agir com virtude era agir de acordo com os valores da Igreja”. (p.21)

Já o termo *virtù*, para Maquiavel, estava ligado à esfera política, sendo radicalmente diverso da virtude católica. Mas o que era exatamente a *virtù* política? Souza (2003) afirma que definir com precisão o conceito de *virtù* maquiaveliana é uma tarefa complexa, tendo em vista que tal palavra foi usada por Maquiavel e também por outros escritores contemporâneos a ele com uma grande multiplicidade de sentido. Diante dessa afirmação de Souza, acrescentamos a observação sobre a dificuldade de reconstruir o significado do termo como era entendido na época de Maquiavel, quando já era polissêmico, em uma tradução para o PB contemporâneo.

Dessa mesma forma pensa também o tradutor Hingo Weber, que em correspondência pessoal dirigida a esta autora (ver anexo II), declarou: “(...) ao longo do livro, Maquiavel não é constante, analiticamente (ou linguisticamente) em relação ao emprego do termo.” E a esse respeito, o referido tradutor escreveu um ensaio em que justifica e apresenta a gênese de sua escolha tradutória da palavra *virtù* da obra *O príncipe*. O dito ensaio foi publicado pela Editora Vozes e se intitula *O príncipe & Maquiavel sem ideologias*.

Corroborando com essa postura, nós, também, ao ler o livro, percebemos que o vocábulo em estudo não possui um sentido estável, o que dificulta deveras a compreensão do termo por parte do leitor contemporâneo e também a tradução do mesmo para a PB.

Para ilustrarmos bem a questão da multiplicidade de significados da *virtù* maquiavelina, apresentaremos a seguir quatro exemplos selecionados entre as 60 ocorrências do termo *virtù* em *O príncipe*. Abaixo, apresentaremos a tradução de Hingo Weber, tendo esse tradutor sido selecionado em razão de defender a “intraduzibilidade” do termo, posição esta coincidente com a de Souza e com a nossa.

Ocorrência 6

“(...) e fare come li arcieri prudenti, a' quali parendo el loco dove disegnono ferire troppo lontano, e conoscendo fino a quanto va la virtù del loro arco, pongono la mira assai più alta che il loco destinato...(p. 30).

Tradução de Hingo Weber

“(...) e fazer como os arqueiros prudentes, aos quais parecendo o alvo que pretendem atingir demasiadamente distante, e conhecendo detalhadamente a quanto vai a *virtù* de seu arco, apontam a mira mais acima do local destinado (p. 27).

Ocorrência 22

“Ma, per venire a quelli che per propria virtù e non per fortuna sono diventati principi...”

Tradução de Hingo Weber

“E porque esse evento de tornar-se, de pessoa privada, príncipe, pressupõe ou virtù ou fortuna” (p. 39).

Ocorrência 23

“(...) non di manco accompagnò le sua scelleratezze (di Agátocles Siciliano) con tanta virtù di animo e di corpo...” (p. 43).

Tradução de Hingo Weber

“Todavia, seus atos celerados (de Agátocles Siciliano) foram acompanhados por tanta virtù de ânimo e de corpo” (p. 39).

Ocorrência 28

“E sarebbe stata la sua espugnazione difficile come quella di Agatocle, se non si fussi suto lasciato ingannare da Cesare Borgia, quando a Sinigallia, come di sopra si disse, prese li Orsini e Vitelli; dove, preso ancora lui, uno anno dopo el commisso parricidio, fu, insieme con Vitellozzo, il quale aveva avuto maestro delle virtù e scelleratezze sua, strangolato” (p. 46).

Tradução Hingo Weber

“E a sua expurgação seria tão difícil como a de Agatócles, se não tivesse se deixado enganar por César Bórgia, em Sinigália, como acima se disse, quando foram presos os Orsini e os Vitelli; onde, preso agora ele, um ano depois de cometido o parricídio, foi, junto com Vitellozzo, seu mestre em virtù e ações celeradas, estrangulado.” (p. 42).

Anthony Grafton, professor da Universidade de Princeton, na introdução feita para uma tradução inglesa de *O príncipe* publicada em 2003 pela Editora Paperback, introdução que foi posteriormente comprada e publicada pela Penguin Companhia das Letras, também afirma que Maquiavel utiliza *virtù* com uma grande variedade de sentido, entres os quais se destaca a capacidade, independentemente de quaisquer questões acerca do bem e do mal, de manter o controle dos súditos e do reino. Consequentemente, as qualidades tradicionalmente consideradas “virtuosas” no sentido cristão, não são necessariamente consideradas “virtuosas” em *O príncipe*. Para ilustrar essa divergência de valores entre a *virtù* cristã e a *virtù* maquiaveliana, trataremos no próximo parágrafo do capítulo XVIII da obra em análise intitulado: *De que modo os príncipes devem conservar a palavra dada*.

Maquiavel começa dizendo que é louvável que um príncipe honre sua palavra; entretanto, a História demonstra que aqueles soberanos que obtiveram maior êxito são, em geral, aqueles que pouco se preocuparam em conservar a palavra dada. Assim, Maquiavel afirma que existem dois modos de combater: um com as leis e outro com a força. O primeiro é o modo dos homens; o segundo, dos animais. Para que um príncipe tenha sucesso, é preciso que ele saiba combater valendo-se dos atributos tanto dos homens como dos animais. Tal regra já fora ministrada veladamente pelos escritores antigos em cujos textos lemos que os príncipes do mundo antigo teriam sido

confiados ao centauro Quirão – ser metade homem metade animal – para serem educados. Para Maquiavel, isto significa que um príncipe deve lançar mão de ambas as facetas da natureza para governar. Ao valer-se de sua parte animal, o príncipe deve tomar como modelo a raposa e o leão: a raposa em razão da esperteza e o leão, pela força, posto que a primeira mostra-se indefesa contra os lobos e o segundo é incapaz de se defender contra as armadilhas do homem.

Se os indivíduos fossem todos bons, esse não seria um modelo de conduta adequado; porém, como muitos homens são pérfidos e volúveis, faz-se necessário que o príncipe aprenda a manter sua palavra somente quando lhe for favorável. Portanto, para que um príncipe seja bem sucedido, deve ser flexível para transmudar-se segundo exijam os ventos do destino e havendo a possibilidade que não se aparte do bem, mas caso seja necessário, que saiba utiliza-se do mal. É mister, também, que o soberano saiba aparentar ser misericordioso, sincero, íntegro, humanitário e religioso, mas não sê-lo efetivamente, pois a maioria das pessoas julga pela aparência.

Convém recordar que Maquiavel, no capítulo XV, adverte o leitor de que trataria em sua obra da realidade efetiva das coisas, isto é, como são de fato os homens e os reinados e não como estes deveriam ser. Assim, Maquiavel demonstra um grande pessimismo relativo aos homens, considerando-os maus por natureza e, conseqüentemente, o príncipe deve aprender a ser bom apenas quando lhe convém. Vejamos as palavras de nosso autor:

Mas sendo o meu intento escrever coisa útil a quem a entenda, pareceu-me mais conveniente tratar da verdade efetiva da coisa do que da imaginação sobre essa coisa. E muitos imaginaram repúblicas e principados que nunca foram vistos nem conhecidos na realidade, porque há tanta distância de como se vive e como se deveria viver, que aquele que deixa aquilo que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende mais a ruína que a sua preservação: porque um homem que queira professar o bem em toda parte arruína-se entre tantos que não são bons. Portanto, é necessário a um príncipe, querendo manter-se, que aprenda a não ser bom, e usar esse aprendizado e não o usar segundo a necessidade (MAQUIAVEL, 2011, p. 68).

Bruna Cordati, professora e crítica literária Italiana, nas notas conclusivas à sexta edição italiana de *O príncipe*, publicada pela editora *Loescher Torino*, afirma que o uso de palavras com múltiplos sentidos é intencional em Maquiavel. Esse uso, para a referida professora, é o instrumento através do qual Maquiavel confere a seu texto riqueza estilística e grande força provocativa, fazendo com que suas obras abarquem várias leituras e sejam consideradas, através dos séculos, grandes clássicos do pensamento ocidental.

José Antônio Martins, doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e também tradutor de *O príncipe*, coaduna com a posição de Anthony Grafton de que a *virtù* política diverge da *virtù* moral, e reitera, ainda, que para melhor compreendermos a conduta virtuosa de um príncipe, devemos sempre ter em mente que tal conduta só fará sentido se visar à conquista e à manutenção do poder. (MAQUIAVEL, 2010, p.17)

Vinícius Soares de Campos Barros, doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, no livro *10 Lições sobre Maquiavel* (2013, p. 52-58) sustenta que a relação entre *fortuna* e *virtù* é o eixo central do pensamento de Maquiavel. Para esse estudioso, os aludidos conceitos permeiam toda a obra de Maquiavel e representam a luta perene entre o homem de ação e os acontecimentos imponderáveis do mundo político. Nos próximos parágrafos, falaremos sobre a *virtù* e a *fortuna* na visão de Vinícius Soares de Campos Barros.

Barros (2013) afirma que a *fortuna* era representada na Roma antiga pela deusa *Virtus*, a qual presenteava os homens de *virtù* com honra, poder e glória. O estudioso ressalta, entretanto, que apesar do indiscutível domínio sobre os acontecimentos humanos, a *fortuna* não era vista como uma força maligna e inexorável, mas como uma deusa bondosa que se deixava seduzir pelos homens valorosos, premiando os audaciosos e punindo os covardes. Na Idade Média, com a ascensão do Cristianismo, a *fortuna* passa a ser vista como um poder implacável, como a força divina que agia para manter os homens em adoração às glórias do Reino de Deus.

Barros (2013) assegura que Maquiavel dissocia-se da visão do Cristianismo sobre a fortuna, acreditando que o controle da fortuna é algo plausível, resgatando, assim, a visão dos antigos romanos. Assim, para

Maquiavel, a fortuna é responsável por no máximo metade dos acontecimentos de nossas vidas, sendo a outra metade passível de ser dominada. Para demonstrar essa visão de Maquiavel, Vinícius Soares Campos Barros utiliza uma citação do capítulo XXV de *O príncipe*: “*julgo possível ser verdade que a fortuna seja árbitro de metade de nossas ações, mas que também deixe ao nosso governo a outra metade, ou quase*” (MAQUIAVEL, 2011, p. 111).

Por sua vez, a *virtù*, para Barros (2013), está associada à necessidade política; é a capacidade do soberano de resistir à fortuna. Assim, um homem de *virtù* pode resistir à fortuna, dominando-a. Mas como isso é possível? Para Barros (2013), a resposta a essa pergunta é atemporal, confirmando-se quase como uma regra indelével do agir político: ser flexível e adequar sua maneira de proceder às circunstâncias.

Com base nas leituras efetuadas e na análise dos escritos de diversos estudiosos acerca da palavra *virtù* para Maquiavel, cremos poder concluir que:

- A palavra é um dos termos-chave para uma compreensão adequada do pensamento de Maquiavel;
- O vocábulo possui uma grande multiplicidade de sentidos dentro da obra de Maquiavel;
- De forma geral, a acepção do termo *virtù* com base na religião católica é rejeitada por Maquiavel;
- O termo *virtù* maquiaveliano deve ser entendido a partir de sua finalidade última: a manutenção do poder;
- Os termos *virtù* e fortuna estão intrinsecamente relacionados;
- O termo *virtù* no decorrer dos séculos sofreu variação semântica, culminando em mudança semântica a partir do Renascimento, momento em que recuperou sua acepção que se origina na língua latina, mantendo seu caráter polissêmico.

O próximo capítulo será dedicado à apresentação dos dados, ou seja, das ocorrências do termo *virtù* presentes no texto original, juntamente com

as opções tradutórias de cada tradutor. Faremos, também, nossas análises, conforme anunciado na Introdução deste trabalho.

CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISES

EXPLICITAÇÃO DO PROCEDIMENTO ADOTADO

Para a análise da tradução do termo *virtù* para o PB em quatro traduções brasileiras, vamos proceder da seguinte forma :

- 1- Numeramos sequencialmente as 60 ocorrências da palavra *virtú* no texto original. Lembremos que a edição utilizada para fazer nosso levantamento foi *Il Principe di Niccolò Machiavelli*. Einaudi Editore: 1972, edição organizada por Luigi Firpo.
- 2- Seleccionamos 8 (oito), entre as 60 ocorrências referidas acima. Buscamos seleccionar as ocorrências mais significativas para nossa pesquisa, ou seja, aquelas capazes de demonstrar a multiplicidade de sentidos da palavra *virtù* no texto original, assim como a diversidade de escolhas tradutórias nos textos traduzidos. Para cada exemplo, apresentamos a ocorrência, em um pequeno trecho, com sua respectiva numeração sequencial, acompanhado dos títulos dos capítulos correspondentes. Logo abaixo, apresentaremos o mesmo trecho traduzido em cada uma das quatro traduções, seguido pelos títulos dos capítulos em cada tradução, indicando sempre as páginas. Os tradutores serão apresentados na seguinte ordem: Hingo Weber (Editora Vozes), Maurício Santana Júnior (Editora Penguin Companhia das Letras), Antônio Caruccio-Caporale (Editora L&PM Pocket) e Brasil Bandecchi (Centauro Editora). Consideramos relevante salientar, ainda, que fizemos a análise de todas as 60 ocorrências; entretanto, em função da necessidade formal de limitar o tamanho do presente trabalho, optamos por apresentar de forma detalhada apenas os 8 exemplos selecionados.
- 3- Analisamos de forma mais aprofundada cada um dos 8 (oito) trechos e suas respectivas traduções, tendo como fundamentação teórica as modalidades tradutória de Aubert(1988) e os conceitos de texto e de compreensão de texto apresentados no Capítulo 3. Tentamos, também, sempre que possível, relacionar as opções tradutórias com o perfil profissional de cada tradutor.

- 4- Expomos a totalidade dos dados quantitativamente em uma tabela sucinta, ou seja, as 60 ocorrências do termo. Em seguida, faremos uma análise geral das diversas escolhas tradutórias, buscando sempre avaliar as consequências das referidas escolhas para a compreensão textual por parte do leitor.

ANÁLISES DOS OITO EXEMPLOS SELECIONADOS

Ocorrência número 1 (exemplo 1)

Capítulo I – “Di quante ragioni sieno e’ principati, e in che modo si acquistino”

“[i domini] *acquistonsi o con le armi d’altri o con le proprie, o per fortuna o per virtù*” (p. 13).

Tradução 1

Capítulo I – “Quantos são os gêneros de principado e de que modo são conquistados”

“[Os domínios são ocupados] com armas dos outros ou com as próprias, ou por meio da fortuna ou per meio da *virtù*” (p. 9).

Tradução 2

Capítulo I – “Quais os gêneros de principado e por que meios são conquistados”

“... eles são conquistados ou por armas alheias ou por armas próprias, ou por fortuna ou por *virtude*” (p. 47).

Tradução 3

Capítulo I – “Quantos são os tipos de principados e como conquistá-los”

... e sua posse se dá [dos domínios], ou com o concurso de armas alheias, ou com recurso às suas próprias; ou graças à fortuna, ou graças ao *mérito* [*virtù*] (p. 7).

Tradução 4

Capítulo I – “De quantas espécies são os principados e de que modo se conquistam”

[Os Estados] ou são adquiridos com armas alheias ou próprias, por sorte ou *mérito* (p. 27).

O trecho acima pertence ao capítulo I, e é a primeira vez que a palavra *virtù* aparece na obra. As opções de tradução são bastante diversas

entre si: Hingo Weber opta pela utilização da modalidade tradutória do empréstimo; já Maurício Santana Júnior e Brasil Bandecchi preferem traduzir o termo *virtù* para o PB, optando cada um respectivamente pelas palavras “virtude” e “mérito”. Antonio Caruccio-Caporale, por sua vez, também traduz *virtù* por “mérito”, acrescentando, porém, entre parênteses, o termo *virtù*, propondo, assim, uma espécie de caminho intermediário entre a utilização do empréstimo e a tradução para o PB.

Tais escolhas tradutórias podem ser relacionadas com o perfil de cada tradutor: O filósofo Hingo Weber preza pela precisão conceitual do termo, deixando-o na língua original, por considerar que não há um equivalente em PB capaz de abarcar toda a multiplicidade de significados do termo em estudo, conforme ele mesmo afirmou em correspondência particular a nós dirigida e apresentada no anexo II.

Maurício Santana Júnior – tradutor renomado e profissional da área de Letras – demonstra grande preocupação com a fluidez textual ao escolher utilizar um vocábulo pertencente e frequente no PB “virtude” como equivalente da palavra *virtù*. Importa ressaltar que na introdução dessa tradução é apresentada ao leitor uma longa e interessante discussão sobre os sentidos do termo *virtù* na obra de Maquiavel. A referida introdução foi escrita por Anthony Grafton, professor de História da Universidade de Princeton.

Quanto a Antônio Caruccio-Caporale, não obtivemos informações precisas a seu respeito, conforme dito na Introdução deste trabalho, sendo assim difícil tecer comentários relacionando suas escolhas tradutórias com seu perfil profissional. Verificamos, contudo, que o citado tradutor arrisca uma tradução que se afasta da opção mais parecida com a língua do texto de origem, que seria “virtude”; e ao optar pelo vocábulo “mérito”, agrega um juízo de valor à tradução. Ainda assim, parecendo insatisfeito, o tradutor sugere para seu leitor que “mérito” é praticamente uma metáfora, naquele contexto específico, para o termo *virtù*.

Da mesma forma opta o político e historiador Brasil Bandecchi, que traduz *virtù* por “mérito”, sem, contudo, acrescentar mais nada. Essa opção nos deixa crer que na leitura dele, a acepção de *virtù*, nesse exemplo, seja exclusivamente a de “mérito”.

Ocorrência número 2 (exemplo 2)

Capítulo III – “De’ principati misti”

“[invece di godere el beneficio del tempo] ma sì bene quello della virtù e prudenza loro[dei romani] (p. 20).

Tradução 1

Capítulo III – “Dos principados mistos”

“Em vez disso [colher os benefícios do tempo], acharam melhor seguir o que lhes dizia a sua virtù e prudência” [dos romanos] (p. 16).

Tradução 2

Capítulo III – “Dos principados mistos”

[ao invés de desfrutar os benefícios do tempo], preferindo antes seguir seu valor e prudência [dos romanos] (p. 54).

Tradução 3

Capítulo III – “Dos principados mistos”

“[ao invés de gozar dos benefícios do tempo], preferindo tirar proveito de suas próprias virtude e prudência” [dos romanos] (p. 15).

Tradução 4

Capítulo III – “Dos principados mistos”

“[ao invés de aproveitar o benefício do tempo], mas antes louvavam a sua virtude e prudência” [dos romanos]... (p. 34).

O segmento textual acima é a segunda ocorrência do termo *virtù* na obra. Nas traduções, observamos que Hingo Weber mantém sua decisão na utilização do empréstimo como tratamento tradutório. Maurício Santana Júnior também sustenta sua decisão de traduzir *virtù* para o PB, valendo-se, desta vez, da palavra “valor”, ao invés de “virtude”. Antônio Caruccio-Caporale e Brasil Bandecchi fazem a mesma opção tradutória para o trecho, que é traduzí-lo por “virtude”.

Vale, contudo, ressaltar que Caruccio-Caporale reforça o possessivo e, portanto, a identidade do sujeito a que faz referência, através do uso de “próprio”, constituindo este recurso na modalidade tradutória do acréscimo.

No que tange ao aspecto semântico, o resultado é de uma expressão mais enfática.

Ocorrência número 3 (exemplo 3)

Capítulo IV – “Per qual cagione il regno di Dario, il quale da Alessandro fu occupato, non si ribellò da’ suoi successori dopo la morte di Alessandro”

[facilità che ebbe Alessandro a tenere lo stato di Asia e difficoltà di altri a conservare gli stati acquistati]. “Il che non è nato dalla molta o poca virtù del vincitore, ma dalla disformità del subietto” (p. 27).

Tradução 1

Capítulo IV – “Por que motivo o reino de Dario, ocupado por Alexandre, não se rebelou contra seus sucessores após a morte de Alexandre”.

[facilidade que teve Alexandre para manter o Estado da Ásia e dificuldade que têm tido outros para manter o que foi ocupado]. “O que não nasce da muita ou pouca virtude do ocupador, mas da disformidade de ocasiões” (p. 24).

Tradução 2

Capítulo IV – “Por que o reino de Dario, ocupado por Alexandre, não se rebelou contra seus sucessores após a morte deste”.

[facilidade que teve Alexandre para manter o Estado da Ásia e dificuldade que têm tido outros para manter o que foi ocupado]. “(...) o que não decorreu da pouca ou muita virtude do vencedor, mas da diversidade dos casos” (p. 60).

Tradução 3

Capítulo IV – “Por que o Reino de Dario, ocupado por Alexandre, não se rebelou contra os seus sucessores após a morte deste”.

[facilidade que teve Alexandre para manter o Estado da Ásia e dificuldade que têm tido outros para manter o que foi ocupado]. “(...), fato que não advém da muita ou pouca virtude dos vencedores, mas das diferentes naturezas dos vencidos” (p. 23).

Tradução 4

Capítulo IV – “Por que razão o Reino de Dario, que foi ocupado por Alexandre, não se rebelou contra seus sucessores após a sua morte”.

“Consideradas, assim, todas estas coisas, não se admirará ninguém das facilidades que teve Alexandre para consolidar-se na Ásia e das dificuldades que outros encontraram para conservar suas conquistas, como aconteceu a Pirro e a muitos outros. Estas situações se originam não só do valor do vencedor, mas também, da diferença dos povos vencidos” (p. 39).

Nessa passagem, Hingó Weber continua utilizando o empréstimo como opção tradutória, enquanto Maurício Santana Júnior, Antônio Caruccio-Caporale e Brasil Bandecchi escolhem traduzir o termo para o PB através, respectivamente, dos vocábulos “virtude”, “virtude” e “valor”.

Sobre a tradução 4, consideramos interessante observar, ainda, que ocorre uma mudança sintática e semântica, levando a uma alteração argumentativa e discursiva, com a introdução da estrutura correlativa aditiva: “não só... *mas também*”, ausente no texto de partida. No texto original, Maquiavel é mais assertivo, pois afirma que a explicação do sucesso de Alexandre em manter o Estado da Ásia, assim como do fracasso de outros príncipes, tais como Pirro, não deve ser atribuída à quantidade de *virtù*, mas ao fato de que havia diferenças nos povos conquistados. Assim, a partir da leitura do texto original, entendemos que a capacidade da *virtù* em conquistar e manter os principados é sempre dependente do contexto em que acontece a conquista dos reinos. Já a tradução relativiza a relação “*virtù e contexto*”, uma vez que diz que a explicação dos referidos sucessos e fracassos não pode ser atribuída somente à *virtù*, deixando subtendido que a *virtù* possui, sim, um percentual de responsabilidade nos êxitos e derrotas mesmo em situações totalmente diferentes umas das outras. Desta forma, podemos afirmar que a tradução de Bandecchi possui uma orientação discursiva diferente do intuito maquiaveliano.

Ocorrência número 5 (exemplo 4)

Capítulo VI – “De’ Principati nuovi che s’acquistano con l’arme proprie e virtuosamente”

“(...) *debbe uno uomo prudente intrare sempre per vie battute da uomini grandi, e quelli che sono stati eccellentissimi imitare, acciò che, se la sua virtù non vi arriva, almeno ne renda qualche odore*”(p. 30).

Tradução 1

Capítulo VI – “Dos principados totalmente novos conquistados com armas próprias e virtù”

“(...) deve um homem prudente entrar sempre na trilha batida pelos grandes homens e imitar aqueles que são tidos como excelentíssimos, a fim de que, se a virtù não alcança, pelo menos lhe renda algum odor” (p. 27).

Tradução 2

Capítulo VI – “Dos principados novos que são conquistados por virtude e armas próprias”

“(…) um homem prudente deve tomar sempre a via trilhada por homens ilustres, que foram exemplos excelentíssimos a serem imitados: e, não sendo possível ombrear-lhes a virtude, que ao menos se deixe algum vislumbre dela”; (p. 62).

Tradução 3

Capítulo VI – “Dos principados conquistados mercê das próprias armas ou da virtude”

“(…) o homem prudente deverá constantemente seguir o itinerário percorrido pelos grandes e imitar aqueles que mostraram-se excepcionais, a fim de que, caso o seu mérito (virtù) ao deles não se igualem, possa ele ao recolher desta uma leve fragrância (p. 26).

Tradução 4

Capítulo VI – “Dos principados novos que se conquistam com as próprias armas e valor próprio”

“Devem, entretanto, os homens prudentes seguir as pegadas dos varões insignes e imitá-los, e, embora não cheguem a igualá-los, que procurem ao menos aproximar-se deles” (p. 43).

A supracitada passagem pertence ao capítulo VI, capítulo este com o maior número de ocorrências da palavra *virtù* em toda a obra, a saber: onze ocorrências. Para o exemplo apresentado, as escolhas tradutórias dos três primeiros tradutores são bastante semelhantes aos exemplos já apresentados, ou seja, “*virtù*”, “*virtude*” e “*mérito*” (*virtù*). Ressaltamos, porém, que Caruccio-Caporale, no título do capítulo VI, traduz *virtù* por “*virtude*”, enquanto no trecho apresentado esse mesmo tradutor opta por traduzir *virtù* por “*mérito (virtù)*”.

Brasil Bandecchi, por sua vez, opta por não utilizar nenhuma palavra que traduza diretamente o termo *virtù*, preferindo, assim, deixar implícito pelo contexto da frase a ação de igualar-se em “*virtude*” aos varões insignes.

Chama a atenção, ainda, no texto original, o uso da expressão “*renderne qualche odore*”. Pesquisando no dicionário *Treccani dela lingua*

Italiana,¹⁶ encontramos que na linguagem poética italiana essa expressão pode significar “vago recordo”. O dicionário cita, inclusive, exemplos de Ariosto e Maquiavel. Hingo Weber opta pela tradução literal da expressão em análise: “pelo menos lhe renda algum odor”. Entendemos que essa escolha é uma opção do tradutor em preservar o estilo arcaico do texto, mantendo uma semelhança maior entre texto traduzido e texto original. Em LP, entretanto, após pesquisas a dicionários, concluímos que “odor” não possui o sentido de “vago recordo”. Assim, a opção adotada de traduzir de forma literal pode gerar um estranhamento no leitor e até mesmo comprometer a compreensão textual. Maurício Santana Júnior e Brasil Bandecchi preferem uma tradução mais livre para a expressão, utilizando a modalidade tradutória da transposição. Antônio Caruccio-Caporale traduz a expressão por “recolher desta uma leve fragrância”, buscando, assim, preservar, o campo semântico ligado ao olfato.

Ocorrência 6 (exemplo 5)

Capítulo VI – “De’ Principati nuovi che s’acquistano con l’arme proprie e virtuosamente”

“(…) e fare come li arcieri prudenti, a’ quali parendo el loco dove disegnono ferire troppo lontano, e conoscendo fino a quanto va la virtù del loro arco, pongono la mira assai più alta che il loco destinato, non per aggiugnere con la loro freccia a tanta altezza, ma per potere, con lo aiuto di sì alta mira, pervenire al disegno loro” (p. 30).

Tradução 1

Capítulo VI – “Dos principados totalmente novos conquistados com armas próprias e virtù”

“(…) e fazer como os arqueiros prudentes, aos quais parecendo o alvo que pretendem atingir demasiadamente distante, e conhecendo detalhadamente a quanto vai a virtù de seu arco, apontam a mira mais acima do local destinado, não para alcançar tamanha altura com sua flecha, mas para poder, com a ajuda de sua mira, atingir seu próprio alvo” (p. 27).

Tradução 2

Capítulo VI – “Dos principados novos que são conquistados por virtude e armas próprias”

¹⁶ Pesquisamos a versão eletrônica do dicionário. Endereço: <<http://www.treccani.it/vocabolario/odore>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

“(…) e que se faça como os arqueiros sensatos, os quais, diante de um alvo demasiado distante, e conhecendo até onde vai a potência de seu arco, alçam a mira muito mais alta que o ponto de destino, não para alcançar com suas flechas tanta altura, mas para poder, com o auxílio de tão alta mira, atingir a sua meta” (p. 62).

Tradução 3

Capítulo VI – “Dos principados conquistados mercê das próprias armas ou da virtude”

“(…) possa ele ao menos agindo, como um prudente arqueiro, que, sabedor da distância que a qualidade (virtù) do seu arco permite-lhe atingir e, reconhecendo como demasiado longínquo o alvo escolhido, fixa a pontaria num ponto muito mais alto que o estipulado, esperando, não que a sua flecha alcance uma tamanha altura, mas poder, ajudado pela mira mais alta, atingir o ponto visado” (p. 26).

Tradução 4

Capítulo VI – “Dos principados novos que se conquistam com as próprias armas e valor próprio”

“E fazer como os arqueiros habilidosos que, querendo atingir um alvo muito distante e conhecendo o alcance de seu arco, colocam a mira bem mais alto que o ponto a ser atingido, não para que a seta vá acima dele, mas para acertar no alvo” (p. 43).

A passagem acima foi selecionada para ser apresentada principalmente pelo uso bastante peculiar que Maquiavel faz do termo *virtù*, atribuindo-o, nesse caso, a um objeto, e não a um ser humano. As escolhas tradutórias são também bastante diversas entre si. Hingo Weber mantém sua opção na utilização do empréstimo. Maurício Santana Júnior e Brasil Bandecchi preferem traduzir a palavra para o PB, optando, respectivamente, por “potência” e “alcance”. Antonio Caruccio-Caporale, por sua vez, escolhe traduzir por “qualidades”, indicando o termo *virtù* entre parênteses.

Com exceção de Hingo Weber, que nos exemplos até agora analisados opta sempre pela modalidade tradutória do empréstimo, todos os outros tradutores buscaram traduções diversas da tradução mais comum para o PB, que seria “virtude”. Interessante observar, ainda, que as palavras “potência”, “alcance” e “qualidades” são praticamente equivalentes aos conceitos presentes em dicionários latinos para a palavra “virtute”. Assim, no exemplo apresentado, há um entendimento coincidente dos tradutores de

que nesta ocorrência o sentido do termo *virtù* é bastante próximo de sua raiz latina.

Ocorrência 23 (exemplo 6)

Capítulo VIII – “Di quelli che per scelleratezze sono venuti al principato”

“Costui [Agátocles Siciliano], nato d’uno figulo, tenne sempre, per li gradi della sua età, vita scellerata; non di manco accompagnò le sua scelleratezze con tanta virtù di animo e di corpo, che, voltosi alla milizia, per li gradi di quella pervenne ad essere pretore di Siracusa” (p. 43).

Tradução 1

Capítulo VIII – “Dos que chegaram ao principado por meios celerados”

“(...) seus atos celerados foram acompanhados por tanta virtù de ânimo e de corpo que, voltando-se à milícia, pelos degraus dessa, vem a ser pretor de Siracusa” (p. 39).

Tradução 2

Capítulo VIII – “Daqueles que, por atos criminosos, chegaram ao principado”.

“Filho de um oleiro, levou sempre uma vida celerada; entretanto, aliou a seus desmandos tanta virtude de espírito e de corpo que, entrando no Exército, chegou ao longo de sua carreira a pretor de Siracusa” (p. 73).

Tradução 3

Capítulo VIII – “Dos que se fizeram príncipes mercê das suas atrocidades”

“No entanto, de par com as suas atrocidades, mostrava tamanhos dotes (virtù) de corpo e de mente, que, aplicando-se às tarefas da milícia, de promoção em promoção, chegou a ser comandante desta cidade” (p. 41).

Tradução 4

Capítulo VIII – “Os que chegaram ao Principado pela adversidade”

“Filho de oleiro, durante toda sua vida praticou tais perversidades e o fez com tanta violência e vontade que, ingressando na milícia, gualgou postos que o guindaram apretor de Siracura” (p. 53).

Na passagem textual demonstrada acima, Hingo Weber, Maurício Santana Júnior e Antônio Caruccio-Caporale sustentam suas opções tradutórias vistas nos trechos anteriores, ou seja, *virtù*, “virtude” e “dotes (*virtù*)”. Já Brasil Bandecchi traduz o termo por “violência e vontade”, acrescentando um atributo que expressa juízo de valor. Entendemos que os

leitores das traduções 3 e 4 farão, certamente, interpretações diferentes sobre a personagem descrita, pois ela aparece, na tradução 3, detentora de dotes de corpo e de mente, atributos positivos. Na tradução 4, ao contrário, são atribuídos à personagem feitos com “violência e vontade”, acentuando, assim, o caráter negativo das ações de Agátocles; além de acrescentar um argumento ausente no texto original, que é a modalidade volitiva, isto é, do querer. Trata-se, portanto, de um caso de acréscimo.

Ocorrência 24 (exemplo 7)

Capítulo VIII – “Di quelli che per scelleratezze sono venuti al principato”

“Chi considerassi adunque le azioni e virtù di costui[Agátocles Siciliano¹⁷], non vedrà cose, o poche, le quali possa attribuire alla fortuna” (p. 44).

Tradução 1

Capítulo VIII – “Dos que chegaram ao principado por meios celerados”

“Quem considerasse, portanto, as ações e a vida [de Agátocles Siciliano] dele não veria coisa, ou pouca, que pudesse atribuir à fortuna (p. 40).

Tradução 2

Capítulo VII – “Daqueles que, por atos criminosos, chegaram ao principado”.

“Portanto, quem considerar suas ações e sua vida [de Agátocles Siciliano], encontrará pouquíssimas coisas que possam ser atribuídas à fortuna” (p. 74).

Tradução 3

Capítulo VII – “Dos que se fizeram príncipes mercê das suas atrocidades”

“Assim, quem atentar para as ações e para a trajetória de Agátocles nada verá, ou muito pouco, que possa ser atribuído ao acaso” (p. 42).

Tradução 4

Capítulo VII – “Os que chegaram ao Principado pela adversidade”

“Quem examinar as ações de Agátocles não verá coisas, ou verá bem poucas, a que possa atribuir à sorte” (p. 54).

O segmento textual apresentado acima é bastante peculiar. O texto original traz as palavras “azione e *virtù*”, isto é, em PB, “ações e virtude”,

¹⁷ Déspota e tirano siciliano de Siracusa (317-289 a.C.), conhecido por sua crueldade.

enquanto as traduções respectivamente as palavras “vida”, “vida” e “trajetória”; sendo que a tradução 4 opta pela omissão do termo *virtù*. Tendo em vista que em nenhuma das traduções aparece qualquer vocábulo que possa ser considerado equivalente à *virtù*, levantamos a hipótese de que a troca dos referidos vocábulos (*virtù-vita*) ocorreu no texto original e que todas as traduções foram realizadas a partir de uma edição diferente daquela presente no da Biblioteca Digital IntraText.¹⁸ Infelizmente, nossa hipótese não pode ser comprovada por completo, considerando que das quatro traduções analisadas, somente a edição da L&PM Pocket traz a informação de qual edição foi utilizada para a tradução, que é: “Opere de Niccolò Machiavelli pubblicata por Riccardi Editore (Milão-Nápoles) em 1954”. Pesquisamos, então, algumas edições italianas de *O príncipe* e encontramos, por exemplo, a edição da Editora Loescher de Torino, de 1972, em sua sexta tiragem datada de 1989, na qual no trecho assinalado do capítulo VIII, constava “azioni e vita”. Confirmamos, desta forma, a hipótese de existir diferenças entre as próprias edições italianas. É necessário ressaltar, ainda, que Caruccio-Caporale traduz “*virtù-vita*” por “trajetória”, palavra esta que pode ser considerada sinônimo de “vida”. Logo, podemos concluir que também o texto da Riccardi Editore traz a palavra *vita*, ao invés de *virtù*.

Ocorrência 31 (exemplo 8)

Capítulo XI – “De’ principati ecclesiastici”

“Ha trovato adunque la Santità di papa Leone questo pontificato potentissimo: il quale si spera, se quelli lo feciono grande con le arme, questo, con la bontà e infinite altre sue virtù, lo farà grandissimo e venerando” (p. 57).

Tradução 1

Capítulo XI – “Dos principados eclesiásticos”

“Encontrou, portanto, a santidade do Papa Leão este pontificado potentíssimo: do qual se espera, se aqueles o fizeram grande com as armas, que este, com a bondade e suas infinitas outras virtudes, o fará grandíssimo e venerado” (p. 53).

¹⁸ Recordemos que a edição presente no site IntraText é a *Il Principe*, di Niccolò Machiavelli, Einaudi editore, 1972, Edizione a cura di Luigi Firpo.

Tradução 2

Capítulo XI – “Dos principados eclesiásticos”

“A santidade do papa Leão X herdou, assim, um pontificado poderosíssimo; e se espera que, se aqueles o fizeram grande com as armas, este o fará poderosíssimo e venerando com sua bondade e outras infinitas virtudes” (p. 85).

Tradução 3

Capítulo XI – “Dos principados eclesiásticos”

“Sua Santidade, o Papa Leão, recebeu, então, um pontificado poderoso e espera-se que, se aqueles fizeram-no grande pela força das armas, este, armado de bondade e das suas inúmeras outras virtudes, faça-o ainda maior e venerável” (p. 58).

Tradução 4

Capítulo XI – “Dos principados eclesiásticos”

“É esta a situação potentíssima, que sua santidade o Papa Leão encontrou ao iniciar o seu reinado, do qual se espera se torne tão grande por suas bondades e virtude, quanto os seus antecessores o foram pela força das armas” (p. 64).

A passagem acima é assaz interessante para nossa pesquisa, uma vez que nela os quatro tradutores fazem a mesma escolha tradutória: traduzir *virtù* por “virtude”. Nesse ponto, é necessário recordarmos do contexto em que *O príncipe* foi escrito para prosseguirmos em nossa análise. Lembremos que a obra foi escrita por Maquiavel durante o período em que passou exilado em uma pequena propriedade rural perto da cidade de Florença. Maquiavel dedica *O príncipe* a um descendente do grande Lorenzo de Médici, dito o Magnífico, em uma clara tentativa de agradar aos Médicis, buscando, assim, retomar ao posto da chancelaria que havia ocupado anteriormente no período republicano. O Papa Leão X, ou Giovanni di Lorenzo de Médici, pertencia à família Médici, sendo o segundo filho de Lorenzo de Médici com Clarice Orsini. Desta forma, é provável que Maquiavel desejasse, nesse trecho, lisonjear o novo Papa, associando sua conduta a ações bondosas e virtuosas na acepção católica do termo. Além disso, esta é uma das poucas passagens em que o termo *virtù* aparece no plural no texto original. Entendemos que o uso da palavra no plural remeta

às virtudes católicas e cardeais. Portanto, avaliamos que todos os tradutores demonstraram grande capacidade linguística e interpretativa nesse trecho, traduzindo o termo *virtù* por “virtude”.

Abaixo, apresentamos uma tabela que ilustra de forma sucinta todos os dados de nossa pesquisa, ou seja, todas as opções tradutórias para as 60 ocorrências do termo *virtù* nas quatro traduções objeto de nosso estudo. Na sequência, faremos uma análise geral dos dados.

Tabela 3

N. ocorrência	Tradução 1 Hingo Weber	Tradução 2 Maurício Santana Dias	Tradução 3 Antônio Caruccio - Caporale	Tradução 4 Brasil Bandeccchi
1	<i>virtù</i>	Virtude	Mérito (<i>virtù</i>)	mérito
2	<i>virtù</i>	Valor	virtude	virtude
3	<i>virtù</i>	Virtude	virtude	valor
4	<i>virtù</i>	Virtude	Mérito (<i>virtù</i>)	qualidade
5	<i>virtù</i>	Virtude	Mérito (<i>virtù</i>)	N.E ¹⁹
6	<i>virtù</i>	Potência	Qualidade (<i>virtù</i>)	alcance
7	<i>virtù</i>	Virtude	Mérito (<i>virtù</i>)	valor
8	<i>virtù</i>	virtude	virtude	Virtude
9	<i>Virtù</i>	virtude	virtudes	Qualidades pessoais
10	<i>Virtù</i>	virtude	virtudes	qualidades
11	<i>Virtù</i>	virtude	virtude	virtudes
12	<i>Virtù</i>	virtude	virtudes	virtudes
13	<i>Virtù</i>	virtude	virtudes	coragem
14	<i>Virtù</i>	virtude	Virtudes	virtude
15	<i>Virtù</i>	virtude	Predicados (<i>virtù</i>)	virtude
16	<i>Virtù</i>	virtude	Virtude	N.E
17	<i>Virtù</i>	virtude	virtude	virtude

¹⁹ Incluímos nesta categoria aquelas passagens em que o tradutor optou por rearranjos sintáticos, de modo que haja uma equivalência de sentido, mas sem que possamos determinar qual o equivalente do termo *virtù* no texto traduzido.

N. ocorrência	Tradução 1 Hingo Weber	Tradução 2 Maurício Santana Dias	Tradução 3 Antônio Caruccio-Caporale	Tradução 4 Brasil Bandecchi
18	<i>Virtù</i>	virtude	Qualidade (<i>virtù</i>)	valor
19	<i>Virtù</i>	virtude	Gênio (<i>virtù</i>)	omissão
20	<i>Virtù</i>	virtude	Capacidade (<i>virtù</i>)	virtude
21	<i>Virtù</i>	virtude	virtuoso	valor
22	<i>Virtù</i>	virtude	Virtude	mérito
23	<i>Virtù</i>	virtude	Dotes (<i>virtù</i>)	vontade
24	vida	vida	trajetória	Omissão
25	<i>Virtù</i>	virtude	virtuosas	virtudes
26	<i>Virtù</i>	virtude	Qualidade (<i>virtù</i>)	coragem
27	<i>Virtù</i>	virtude	virtude	virtude
28	<i>Virtù</i>	Virtude	Habilidade (<i>virtù</i>)	Omissão
29	<i>Virtù</i>	Virtude	virtudes	virtude
30	<i>Virtù</i>	Virtude	Habilidade(<i>virtù</i>)	virtude
31	Virtudes	Virtudes	virtudes	virtude
32	<i>virtù</i>	virtude	Qualidade (<i>virtù</i>)	N.E
33	<i>virtù</i>	virtude	Engenho (<i>virtù</i>)	Qualidades militares
34	<i>virtù</i>	virtude	Intrepidez(<i>virtù</i>)	valor
35	<i>virtù</i>	virtude	Mérito(<i>virtù</i>)	Habilidade e valor
36	<i>virtù</i>	virtude	Mérito (<i>virtù</i>)	N.E
37	<i>virtù</i>	virtude	Bravura (<i>virtù</i>)	N.E
38	<i>virtù</i>	virtude	Importância (<i>virtù</i>)	importância
39	<i>virtù</i>	virtude	virtude	virtude
40	<i>virtù</i>	virtude	Qualidade (<i>virtù</i>)	omissão
41	<i>virtù</i>	Virtudes	Virtudes	virtudes
42	<i>virtù</i>	Virtudes	virtudes	virtudes
43	<i>virtù</i>	Virtudes	virtudes	virtudes
44	<i>virtù</i>	virtude	virtuoso	Coragem
45	<i>virtù</i>	Virtudes	virtudes	virtude
46	<i>virtù</i>	virtude	Habilidade (<i>virtù</i>)	virtuoso

N.ocorrências	Tradução 1 Hingo Weber	Tradução 2 Maurício Santana Dias	Tradução 3 Antônio Caruccio - Caporale	Tradução 4 Brasil Bandecchi
47	<i>virtù</i>	virtude	Habilidade (<i>virtù</i>)	Virtudes
48	<i>virtù</i>	virtude	Qualidade (<i>virtù</i>)	Qualidades
49	<i>virtù</i>	Virtudes	virtudes	Boas qualidades
50	<i>virtù</i>	virtude	Valor (<i>virtù</i>)	aptidões
51	<i>virtù</i>	virtude	Forças (<i>virtù</i>)	Vontade
52	<i>virtù</i>	Virtudes	Reforço (<i>virtù</i>)	N.E
53	<i>virtù</i>	virtude	Grandeza (<i>virtù</i>)	valor
54	<i>virtù</i>	virtude	Nobreza (<i>virtù</i>)	Valor
55	<i>virtù</i>	virtude	Valor (<i>virtù</i>)	Qualidades e valor
56	<i>virtù</i>	virtude	virtude	Espírito bélico
57	<i>virtù</i>	virtude	Valia (<i>virtù</i>)	Valor
58	<i>virtù</i>	virtude	Valor (<i>virtù</i>)	Valor
59	<i>virtù</i>	virtude	Valor (<i>virtù</i>)	Tropas italianas
60	<i>virtù</i>	virtude	bravura	virtude

ANÁLISES GERAIS

Tradutor 1 – Hingo Weber

Após a análise das escolhas tradutórias feitas por Hingo Weber para as 60 ocorrências do termo *virtù* no texto original, concluímos que o tradutor optou, na grande maioria das vezes – a saber, 58 ocorrências –, pela não tradução da palavra, deixando-a na língua original e destacando-a do restante do texto através do recurso gráfico do uso de itálico. As únicas duas ocorrências em que houve um tratamento diverso foram as de número 24 e 31, conforme já demonstrado na tabela 3. Em contato com o tradutor através de uma rede social via internet, ele explicou o motivo da escolha tradutória divergente das demais na passagem 24, afirmando que nesse segmento

específico Maquiavel tratava do conceito de *virtù* no sentido platônico cristão (ver anexo II).

Ao usar o empréstimo como opção de tratamento para o termo *virtù*, o tradutor demonstra que em sua avaliação não existe uma palavra em Língua Portuguesa capaz de equivaler às peculiaridades semânticas do termo *virtù* na obra de Maquiavel. Observemos as palavras do próprio tradutor:

Eu defendo, e pratiquei isso na minha tradução de O príncipe, que o termo não tem tradução. Mesmo Maquiavel, no final do livro – ao citar o poeta Petrarca, se emaranhou em dificuldades, pois este traduziu virtù como “antico valore”. Além disso, ao longo do livro, Maquiavel não é constante, analiticamente (ou linguisticamente) em relação ao emprego do termo, pois algumas vezes, em especial por meio do superlativo virtuosíssimo, refere-se ao conceito de virtù, sendo que uma ou outra vez, quando fala das qualidades cristãs do novo papa, alude ao conceito de virtude no sentido platônico-cristão. (anexo II desta dissertação)

Hingo Weber defende, ainda, que o vocábulo *virtù* seja incorporado ao PB. Vejamos sua proposta:

Em um futuro que talvez não nos pertença, mas, quem sabe, tenhamos ajudado a construir, poderia acontecer que a palavra virtù venha a ser incorporado (sic) ao dicionário da língua portuguesa. Mais improvável do que isso seria ainda um bom verbete para o termo, que não caia ou recaia no lugar-comum sobre o pensador Maquiavel. (anexo II desta dissertação)

No tocante às possíveis consequências para a atribuição de sentidos por parte do leitor, fazemos as seguintes observações:

- Ao usar o empréstimo como opção de tratamento para a *virtù*, o leitor “é avisado” de que a palavra *virtù* possui um sentido peculiar dentro da obra e deve, portanto, merecer uma atenção especial, visto que este é o único vocábulo em toda a obra que não foi traduzido.
- Tendo em vista que o termo *virtù* não é pertencente ao léxico do PB e, principalmente, que não há notas de pé de página explicativas sobre os sentidos do termo em questão dentro da obra de Maquiavel, é necessário que o leitor desempenhe um papel bastante participativo na leitura para uma correta atribuição de sentidos do termo *virtù*.

Assim, ao longo da leitura, o leitor deve fazer inferências e levantar hipóteses através dos contextos de usos do vocábulo *virtù*. Como exemplo, citamos a primeira ocorrência do termo em estudo: “[Os domínios são ocupados] com armas dos outros ou com as próprias, ou por meio da fortuna ou per meio da virtù” (p. 9). Nesse caso, a oposição clara entre *virtù* e *fortuna* presente no texto levará o leitor a fazer uma inferência simples: “a *virtù* é algo que se opõem à *fortuna*.”.

Tradução 2 – Maurício Santana Dias

A tradução realizada por Maurício Santana Júnior pela Editora Penguin Companhia das Letras foi publicada em uma edição cuidadosa, com prefácio do ex-presidente da República do Brasil e sociólogo Fernando Henrique Cardoso e introdução de Antony Grafton, professor de História da Universidade de Princeton. A edição traz também notas explicativas de George Bull, escritor e tradutor de *O príncipe* para o inglês; além de uma cronologia da época e um mapa da Itália de 1500. Outro aspecto relevante é que o tradutor “é apresentado” para o leitor nas primeiras páginas do livro; assim, esse tem acesso às informações sobre a formação acadêmica do tradutor e seus principais trabalhos tradutórios. Cumpre ressaltar que a edição traz ainda notas explicativas do próprio tradutor, as quais são claramente separadas das notas de George Bull; sendo que as primeiras aparecem fisicamente nas notas de pé de página e as segundas, numeradas sequencialmente ao final da edição. Relativo às notas de rodapé é interessante observar que elas foram elaboradas em 1996, conforme ficha catalográfica, e traduzidas do inglês para o PB em 2010. Assim, refletem a visão de mundo de um inglês de 14 anos anteriores à data da publicação da tradução brasileira, o que pode gerar problemas na leitura para um leitor brasileiro dos anos 2010.

Quanto ao nosso tema de estudo e após a análise das escolhas tradutórias feitas por Maurício Santana Júnior para as 60 ocorrências do termo *virtù*, concluímos que em 57 ocorrências o tradutor optou por traduzir o termo *virtù* pelo vocábulo “virtude”. As três passagens em que houve um tratamento diferente para o termo são as ocorrências 2, 6 e 24, nas quais a palavra *virtù* foi traduzida respectivamente por “valor”, “potência” e “vida”,

conforme demonstrado na tabela 3. Tentamos entrar em contato com o tradutor para conversarmos sobre suas escolhas tradutórias, assim como fizemos com Hingo Weber, mas infelizmente não obtivemos êxito.

Relativamente às consequências das escolhas tradutórias para a leitura da obra, analisamos: a opção em traduzir o termo *virtù* para o PB confere grande clareza e fluidez textual à obra traduzida. Acreditamos, entretanto, que há uma maior possibilidade de o leitor associar a *virtù* maquiaveliana à virtude na acepção católica, o que pode comprometer o correto entendimento da obra e até mesmo seu caráter argumentativo. Contudo, é importante esclarecer que na introdução da obra escrita por Anthony Grafton há uma longa discussão sobre os múltiplos significados da *virtù* no pensamento de Maquiavel e sobre a importância. Assim, o leitor é “informado” de que o termo possui sentidos múltiplos e peculiares dentro da obra de Maquiavel. Conforme vimos no capítulo três desta dissertação, o linguista Marcuschi (2008) defende que todo texto permite cinco horizontes de leitura, que vão desde o horizonte mínimo – leitura que apenas repete o que está explicitamente presente no texto – até o horizonte indevido da compreensão textual incorreta. Seguindo essa linha de raciocínio, interpretamos que para que o leitor da tradução 2 faça uma interpretação adequada do termo *virtù* condizente com a suposta intenção autoral, é necessário que seja um leitor “modelo”, cuidadoso e participativo.

Tradutor 3 – Antônio Caruccio-Caporale

A opção tradutória de Antônio Caruccio-Caporale para as 60 ocorrências do termo *virtù* no texto original é explicitada em nota de pé de página assinada pelo tradutor e que aparece ao final da edição. Vejamos tal nota:

Virtù (que, por via de regra, o termo português virtude traduzirá) é um dos termos-chave do vocabulário maquiaveliano. *Virtù* e fortuna são duas forças antagonistas – mas também complementares – nas quais concentra-se o essencial da vida e da ação políticas: a primeira representa o princípio ativo, que galvaniza a energia humana; a segunda constitui os limites externos e intrínsecos que opõem-se a essa ação (estejam eles demarcados pela “sorte”, pelo “acaso”, ou pelas condições exteriores do

arbítrio humano, vale dizer, pela situação concreta em que vive o sujeito). Aditamos entre parêntese essas duas palavras essenciais do texto original sempre que as correspondentes diretas em português não satisfizeram semântica ou estilisticamente as necessidades da tradução (MAQUIAVEL, 2006, p. 132).

Assim, podemos afirmar que nestes casos a interpretação do tradutor é determinante para estabelecer quando há ou não um equivalente satisfatório em Língua Portuguesa para o termo *virtù* e qual seria tal equivalente.

Após pesquisa, apuramos que das 60 ocorrências, em 25, o tradutor considerou que há um equivalente satisfatório em Língua Portuguesa, sendo esse equivalente na grande maioria a palavra “virtude” (24 ocorrências). Nas outras 35 ocorrências, Antônio Caruccio-Caporale optou por vocábulos diversos como equivalentes aproximados da *virtù*, indicando sempre entre parêntese o vocábulo *virtù*, conforme o próprio tradutor explicou na nota de pé de página supracitada.

Quanto às possibilidades de leitura por parte do leitor, observamos: a tradução do termo *virtù* para o PB confere clareza e fluidez ao texto traduzido. A indicação, em alguns casos, do termo *virtù* entre parênteses é bastante interessante, principalmente por permitir que o leitor entre em contato com a grande multiplicidade de significados do termo dentro da obra de Maquiavel. Entretanto, avaliamos que o leitor dessa tradução torna-se muito dependente da interpretação do tradutor quanto à existência ou não de um equivalente pleno para a *virtù* em PB.

Tradução 4 – Brasil Bandecchi

Após análises das opções tradutórias de Brasil Bandecchi para as 60 ocorrências do termo *virtù* para o PB, apuramos que suas opções foram bastante variadas. Assim, dividimos as escolhas do tradutor em três grupos:

- 1- Tradução do termo *virtù* para o PB através de diversas palavras conforme o contexto. Esta opção tradutória foi utilizada em 51 ocorrências. As palavras em PB mais utilizadas foram: “virtude(s)” (20 ocorrências), “valor” (10 ocorrências) e “qualidades” (6 ocorrências). Diversos

outros vocábulos também foram utilizados em menor número, tais como: “coragem”, “mérito”, “alcance” e “importância”.

- 2- Não utilização de um equivalente direto para o PB, preferindo reestruturar as sentenças através de rearranjos sintáticos de maneira que haja uma equivalência de sentidos, mas que não seja possível determinar qual palavra corresponderia à *virtù* no texto traduzido. Como exemplo, citamos a ocorrência número 5 analisada no capítulo cinco nesta dissertação. Esta escolha tradutória foi feita em outras cinco ocorrências, a saber: 16, 19, 36, 37e 52.
- 3- Omissão no termo *virtù* no texto traduzido. Como exemplo, citamos a ocorrência 24 analisada no capítulo cinco deste trabalho. Tal escolha tradutória foi feita também em outras duas ocorrências, a saber: as de número 28 e 19.

Outra informação pertinente é que na introdução de sua tradução, Brasil Bandecchi afirma que para Maquiavel o termo *virtù* não significa qualidade moral, mas força e ação. Desta forma, é indicado ao leitor o caminho para uma interpretação adequada do vocábulo. Entretanto, tendo em vista que não há qualquer indicação ao leitor das passagens em que a palavra *virtù* foi utilizada no texto original, entendemos que essa tradução perde muito em precisão conceitual, embora seja, sem dúvida, uma bastante clara e legível para o leitor brasileiro contemporâneo. Assim, avaliamos que essa tradução não seria a mais adequada para estudantes de Filosofia ou de Ciência Política, visto que tal perfil de leitor busca obviamente uma exatidão conceitual.

Além disso, entendemos que há perda, também, no que tange ao aspecto estilístico da obra maquiaveliana, já que é consenso entre os críticos atribuir intencionalidade do autor ao tratamento polissêmico dado a alguns termos-chave da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do nome desta seção não é por acaso: “considerações finais” ao invés de “conclusões”. Assim, nas próximas páginas, pretendemos mais reiterar, resumir, refletir sobre os principais pontos abordados nesta dissertação do que efetivamente apresentar conclusões ou respostas.

Abordamos, neste trabalho, as escolas tradutórias de quatro tradutores para o vocábulo *virtù* na obra *O príncipe* de Maquiavel. Vocábulo este que possui vários sentidos na referida obra e que é considerado por diversos pesquisadores das áreas de Filosofia e Ciências Políticas como o termo-chave para a compreensão do pensamento de Maquiavel. Nosso objetivo, obviamente, não foi estabelecer qualquer juízo de valor sobre os tradutores, mas apresentar as referidas opções e suas possíveis consequências para a compreensão textual. Nossas reflexões e análises nunca foram “fechadas” e deterministas, tendo em vista que adotamos como pressuposto básico a concepção de leitura como um processo aberto e dependente de múltiplas variantes, tais como conhecimento prévio do leitor, objetivos da leitura, entre outros. Frisamos, ainda, que tentamos entrar em contato com todos os tradutores selecionados para permitir que a “voz dos tradutores” ecoasse nesta dissertação, enriquecendo-a com as colocações e elucidacões dos mesmos. Infelizmente, só obtivemos êxito no contato com um tradutor.

Um grande obstáculo enfrentado nesta pesquisa foi a dificuldade em obter informações sobre as datas efetivas das primeiras edições das traduções, impedindo assim um recorte temporal mais preciso. Outro problema enfrentado foi a impossibilidade de apurar quais foram os textos que serviram de base para as traduções analisadas, ou seja, as traduções foram realizadas a partir de quais edições do texto original? Esta informação revelou-se importante, sobretudo quando apuramos que nas quatro traduções analisadas houve uma passagem em que ocorreu a substituição da palavra *virtù* por outros termos. Acreditamos que seja pertinente observar que, diferentemente de outros países, como Itália, não existe lei que obrigue as editoras no Brasil a fornecerem a informação dos textos originais usados

em suas traduções. Entendemos que a falta desta informação pode prejudicar o desenvolvimento de pesquisas no campo dos estudos tradutórios no Brasil.

Relativas às opções tradutórias do termo *virtù*, reiteramos que entendemos a opção do tradutor Hingo Weber de utilização da modalidade tradutória do empréstimo muito adequada e pertinente. Consideramos essa tradução a que mantém uma precisão conceitual maior comparada às outras. Tal tradução, entretanto, exige um leitor mais participativo e empenhado, tendo em vista que a compreensão do sentido do termo *virtù* deverá ser construída ativamente pelo leitor através de inferências.

A tradução de Maurício Santana Dias é muito legível e clara, proporcionando, assim, uma leitura bastante fluida ao leitor. Além disso, a edição desta tradução é bastante cuidadosa, trazendo, inclusive, um mapa da Itália do ano de 1500. Avaliamos que essa é a tradução mais indicada para leitores que buscam um texto com maior fluidez e com riqueza de informações históricas.

Avaliamos a opção do tradutor Antônio Caruccio-Caporale para o termo *virtù* original e interessante. Entretanto, conforme já dito, entendemos que o leitor fica muito dependente da interpretação do tradutor quanto à existência ou não de um vocábulo em PB capaz de equivaler ao termo *virtù*. Assim, em nosso entendimento sua tradução não seria a mais indicada para um leitor que procura um texto que lhe permita uma leitura mais independente, na qual possa tirar suas próprias conclusões sobre o conceito de *virtù*.

Por último, observamos que a tradução de Brasil Bandecchi possui uma linguagem bastante clara e legível. cremos, no entanto, que a opção do tradutor em traduzir o termo *virtù* para o PB por diversos vocábulos sem qualquer indicação de que se tratava do termo *virtù*; assim como a escolha, em alguns casos de omitir o termo em análise, implica uma perda conceitual e estilística considerável. Portanto, tal tradução, em nossa visão, não é recomendada para um público leitor interessado em conceitos mais exatos e próximos do texto original.

Outro aspecto importante que merece ulteriores pesquisas é o papel das editoras para fins de compreensão textual, por meio das introduções das obras apresentadas aos leitores, dos dados sobre a obra e o autor, da voz dada aos tradutores e da possibilidade ou não de fazer uso de notas explicativas de pé de páginas. No caso da tradução de Hingo Weber, por exemplo, não há qualquer nota de pé de páginas, o que parece ser uma exigência editorial. Entendemos, entretanto, que a existência de uma nota explicativa sobre o termo *virtù* auxiliaria bastante o leitor na interpretação textual. Já na tradução da Editora Penguin Companhia das Letras, o renomado e premiado tradutor Maurício Santana Júnior não possui voz na edição da obra, sendo as notas explicativas, o prefácio e a introdução de outros autores, conforme já mencionado. Sustentamos que teria sido interessante que o referido tradutor tivesse tido um espaço para explicitar suas escolhas tradutórias, tais como a opção de traduzir *virtù* por “*virtude*”, na maioria dos casos.

Neste momento, gostaríamos de fazer uma digressão, relacionando o conto de Ítalo Calvino *Serpentes e caveiras* à nossa pesquisa.

No conto supracitado, o senhor Palomar, protagonista do conto e, também, título da obra calvianiana, está visitando as ruínas de Tula, antiga capital dos toltecas, acompanhado de um amigo mexicano, profundo conhecedor das civilizações pré-hispânicas. Seu amigo lhe explica o significado de cada estátua ou imagem que eles veem: “*Na arqueologia mexicana cada estátua, cada objeto, cada detalhe de baixo-relevo significa alguma coisa que significa alguma coisa que por sua vez significa alguma coisa*” (CALVINO, 1994, p. 88). Entre as ruínas, desfila um grupo de estudantes de traços asiáticos guiados por um jovem professor. A cada estátua, cada figura ou coluna, o professor fornece algumas informações descritivas e acrescenta invariavelmente: “*Não se sabe o que querem dizer*” (p.89). Temos, portanto, duas posturas antagônicas diante das mesmas estátuas mexicanas:

- 1- De um lado, o amigo do senhor Palomar, que explica tudo com riqueza de referências mitológicas;

2- De outro, o jovem professor, que se limita a breves descrições e, humildemente, recusa-se categoricamente a analisar ou interpretar as estátuas.

Sobre esta segunda postura, o senhor Palomar reflete:

“Uma pedra, uma figura, um signo, uma palavra que nos cheguem isolados de seu contexto são apenas aquela pedra, aquela figura, aquele signo ou palavra” (...). “A recusa em compreender mais do que aquilo que estas pedras mostram é talvez o único modo possível de demonstrar respeito por seu segredo; tentar adivinhar é presunção, traição do verdadeiro significado”. (CALVINO, 1994, p.88)

Assim, questionamo-nos até que ponto somos capazes de compreender a verdadeira acepção da *virtù* de Maquiavel? Termo complexo, múltiplo e utilizado há exatos 500 anos por Maquiavel em um contexto histórico-social totalmente diverso do atual. Notas de pé de página, prefácios, introduções, tradução ou não da palavra são nada mais que meras tentativas de aproximação do conceito. Walter Benjamin, no texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, defende que toda obra de arte possui uma “aura”, que lhe confere autenticidade, essência e originalidade. A aura é uma aparição única, dependente do contexto histórico em que foi produzida, ou seja, está inerentemente vinculada ao “aqui e agora”. Ainda como exemplo de perda da aura da obra original, citamos a oscilação das palavras *virtù-vita* no capítulo VI de *O príncipe*, fato abordado nesta dissertação. Assim, perguntamo-nos: estaria a aura da *virtù maquiavelina* perdida para sempre nos anos de 1513, na Itália renascentista?

Obviamente não somos capazes de responder à pergunta acima, nem tampouco temos essa pretensão. Por outro lado, argumentamos que a importância da obra analisada é inegável, sendo considerada por muitos como a fundadora da ciência política moderna. Sua leitura, logo, é imperativa. Faz-se necessário, portanto, que seja traduzida e retraduzida para a língua portuguesa, permitindo, desta forma o acesso de milhares de brasileiros não conhecedores da língua italiana a tal livro clássico e antológico. Se a distância temporal implica perdas de significados e se a tradução agrava ainda mais essa perda, por outro lado, acreditamos que

outros sentidos são acrescentados nas constantes releituras da obra, visto que o leitor é sempre personagem atuante e ativo na compreensão textual. Assim, corroborando com Furlan (2013), que defende que as traduções são fundamentais para manutenção e sobrevivência das obras clássicas, entendemos ser imprescindível que *O príncipe* continue sendo traduzido, retraduzido, lido, relido, analisado, reanalisado... Desejamos, também, que os futuros tradutores da obra continuem buscando soluções, fazendo suas escolhas para tentarem aproximar a “aura” da *virtù* maquiaveliana e o pensamento de Maquiavel do leitor brasileiro contemporâneo.

Por último, avaliamos que nosso trabalho é apenas uma pequena amostra da riqueza da obra maquiaveliana. O tratamento peculiar e polissêmico dado por Maquiavel ao termo *virtù* também foi adotado para outras palavras, tais como *fortuna* e *occasione*, sobre as quais também existem muitos estudos das áreas de Filosofia e Ciências Políticas. Desta forma, entendemos que pesquisas futuras sobre as traduções das referidas palavras seriam pertinentes e interessantes, tendo em vista que a diversidade do tratamento tradutório gera interpretações diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, W. R. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990

BASTIANETTO, Patrícia. . *Antologia bilingue: clássicos da língua italiana*. Tubarão: Copiart: Florianópolis: PGET/UFSC, 2012. p. 96-101.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO *et al.* *Teoria da cultura de massa*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Palomar*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS BARROS, Vinícius Soares de. *10 Lições sobre Maquiavel*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferência e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1991.

FÁVERI, Claudia Borges de. O problema da temporalidade em tradução. In: *Literatura nacional e literatura traduzida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p 113-118.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso. *Scientia Translationis*, Florianópolis, n. 13, p. 284-294, 2013.

JÚNIOR, Mariano de Azevedo. *O espelho da guerra: a virtù na visão renascentista de Maquiavel*. In: *Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar*. Maringá: Centro de Estudos Sobre Intolerância - Maurício Tragtenberg, v. 9, 2006.

KLEIMAN, Ângela. *Aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Introdução à linguística textual*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MANSFIELD, Harvey C. *Machiavelli's Virtue*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OSIMO, B. *Manuale del traduttore – Guida pratica con glossario*. Milano: Hoepli, 2005. Seconda edizione.

PRICE, R. *The Senses of virtù Machiavelli*, in: *European Studies Review*, 1973, 3, (pp. 315-3).

SOUZA, Flávia Roberta Benvenuto de. *Virtù e valores no pensamento de Maquiavel*. 2003. 119f, Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. *A virtù do governante: circunstâncias e ações para a conquista e a manutenção do poder no pensamento de Maquiavel*. 2011. 279 f., enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

TOLEDO, Cezar Alencar Arnaut de; BERNARDO, Leandro Ferreira. *Virtude e fortuna no pensamento político de Maquiavel, in: Human and Social Sciences. Acta Scientiarum, 2002, v.24 (pp 91-102)*

TOROP, P. *La traduzione totale – tipi di processo traduttivo nella cultura*. Org. por B. Osimo. Hoepli, 2010

WEBER, Hingo. *O príncipe & Maquiavel sem ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2007.

VINCIERI, Paolo. *Machiavelli: Il divenire e la virtù*. Genova: Il nuovo melangolo, 2011

DICIONÁRIOS

DIZIONARIO DI FILOSOFIA TRECCANI. Versão *on-line*. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/virtu_\(Dizionario-di-filosofia\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/virtu_(Dizionario-di-filosofia)/>). Acesso em: 10 mar. 2014.

DIZIONARIO DELA LINGUA ITALIANA TRECCANI. Versão *on-line*. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/virtu_\(Dizionario-di-filosofia\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/virtu_(Dizionario-di-filosofia)/>). Acesso em: 21 mar. 2014.

DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS. 4. ed. Porto: Porto Ed., 2012.

DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS. 8. ed. São Paulo: Editora LEPSA, 1955

MICHAELIS: MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 2259 p. (Dicionários Michaelis)

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar e Francisco Manoel de Mello Franco. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

TRADUÇÕES E EDIÇÕES DE *O PRÍNCIPE*

MACHIAVELLI, Niccoló. *Il Príncipe. Introduzione e note di Federico Chabod*; nuova ed. A cura di Luigi Firpo. 7. ed. Torino: Einaudi, 1972. 1ª ed. eletrônica 1995. Disponível em: <http://www.liberliber.it/mediateca/libri/m/machiavelli/il_principe/pdf/machiavelli_il_principe.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2014.

_____. *Il Príncipe. Introduzione e note di Federico Chabod*. A cura de Bruna Cordati. – 1º ed, 6º reimpressão: Loescher Editore Torino, 1972.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Tradução de Roberto Grassi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. *O príncipe*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974.

_____. *O príncipe*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1977.

_____. *O príncipe*. Tradução de Maria Lúcia Cumo. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *O príncipe*. Tradução de Monica Baña Álvares. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003a.

_____. *O príncipe: com as notas de Napoleão Bonaparte*. 3. Ed., rev. da tradução. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003b. (RT Textos Fundamentais)

_____. *O príncipe*. Tradução de Brasil Bandecchi. São Paulo: Centauro, 2005 a.

_____. *O príncipe*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005b.

_____. *O príncipe*. Tradução de Antônio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2006. (Coleção L&PM Pocket)

_____. *O príncipe*. Tradução de José Antônio Martins. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. *O príncipe*. Tradução de Maurício Santana Júnior. São Paulo: Penguin Clássicos Companhia das Letras, 2010.

_____. *O príncipe*. Tradução de Hingo Weber. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Vozes de Bolso)

_____. *O príncipe*. Tradução de Antônio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

_____. *O príncipe*. 25. ed. Tradução de Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Editouro, [s.d.].

_____. *O príncipe*. Tradução de Antônio D'Elia. São Paulo: Círculo do Livro, [s. d.].

_____. *O príncipe*. 2 ed. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

ANEXO I – Apresentação de todas as ocorrências do termo *virtù* no texto original.

Número da ocorrência	Capítulo, parágrafo	Frase
1	1, 1	Sono questi domini così acquistati, o consueti a vivere sotto uno principe, o usi ad essere liberi; et acquistonsi, o con le armi d'altri o con le proprie, o per fortuna o per <u>virtù</u> .
2	3, 7	Né piacque mai loro quello che tutto di è in bocca de' savî de' nostri tempi, di godere el beneficio del tempo, ma sì bene quello della <u>virtù</u> e prudenza loro; perché el tempo si caccia innanzi ogni cosa, e può condurre seco bene come male, e male come bene.
3	4, 4	Considerato adunque tutte queste cose, non si maraviglierà alcuno della facilità ebbe Alessandro a tenere lo stato di Asia e delle difficoltà che hanno avuto li altri a conservare lo acquistato, come Pirro e molti. Il che non è nato dalla molta o poca <u>virtù</u> del vincitore, ma dalla disformità del subietto.
4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12	6, 1	Non si maravigli alcuno se, nel parlare che io farò de' principati al tutto nuovi e di principe e di stato, io addurrò grandissimi esempi; perché, camminando li uomini quasi sempre per le vie battute da altri, e procedendo nelle azioni loro con le imitazioni, né si potendo le vie d'altri al tutto tenere, né alla <u>virtù</u> di quelli che tu imiti aggiugnere, debbe uno uomo prudente intrare sempre per vie battute da uomini grandi, e quelli che sono stati eccellentissimi imitare, acciò che, se la sua <u>virtù</u> non vi arriva, almeno ne renda qualche odore: e fare come li arcieri prudenti, a quali parendo el loco dove disegnono ferire troppo lontano, e conoscendo fino a quanto va la <u>virtù</u> del loro arco, pongono la mira assai più alta che il loco destinato, non per aggiugnere con la loro freccia a tanta altezza, ma per potere, con lo aiuto di sì alta mira, pervenire al disegno loro. Dico adunque, che ne' principati tutti nuovi, dove sia uno nuovo principe, si trova a mantenerli più o meno difficoltà, secondo che più o meno è virtuoso colui che li acquista. E perché questo evento di diventare di privato principe, presuppone o <u>virtù</u> o fortuna, pare che l'una o l'altra di queste dua cose mitighi in parte di molte difficoltà: non di manco, colui che è stato meno

		<p>sulla fortuna, si è mantenuto più. Genera ancora facilità essere el principe costretto, per non avere altri stati, venire personaliter ad abitarvi. Ma, per venire a quelli che per propria <u>virtù</u> e non per fortuna sono diventati principi, dico che li più eccellenti sono Moisè, Ciro, Romulo, Teseo e simili. E benché di Moisè non si debba ragionare, sendo suto uno mero esecutore delle cose che li erano ordinate da Dio, tamen debbe essere ammirato solum per quella grazia che lo faceva degno di parlare con Dio. Ma consideriamo Ciro e li altri che hanno acquistato o fondato regni: li troverrete tutti mirabili; e se si considerranno le azioni et ordini loro particolari, parranno non discrepanti da quelli di Moisè, che ebbe sì gran precettore. Et esaminando le azioni e vita loro, non si vede che quelli avessino altro dalla fortuna che la occasione; la quale dette loro materia a potere introdurvi drento quella forma parse loro; e senza quella occasione la <u>virtù</u> dello animo loro si sarebbe spenta, e senza quella <u>virtù</u> la occasione sarebbe venuta invano. Era dunque necessario a Moisè trovare el populo d'Isdrael, in Egitto, stiavo et oppresso dalli Egizii, acciò che quelli, per uscire di servitù, si disponessino a seguirlo. Conveniva che Romulo non capissi in Alba, fussi stato esposto al nascere, a volere che diventassi re di Roma e fondatore di quella patria. Bisognava che Ciro trovassi e' Persi malcontenti dello imperio de' Medi, e li Medi molli et effeminati per la lunga pace. Non posseva Teseo dimonstrare la sua <u>virtù</u>, se non trovava li Ateniesi dispersi. Queste occasioni, per tanto, feciono questi uomini felici, e la eccellente <u>virtù</u> loro fece quella occasione esser conosciuta; donde la loro patria ne fu nobilitata e diventò felicissima.</p>
13	6, 2	Però questi tali hanno nel condursi gran difficoltà, e tutti e' loro pericoli sono fra via, e conviene che con la <u>virtù</u> li superino;
14	6,3	E fu di tanta <u>virtù</u> , etiam in privata fortuna, che chi ne scrive, dice: quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum.
15 e 16	7,1	Questi stanno semplicemente in sulla volontà e fortuna di chi lo ha concesso loro, che sono dua cose volubilissime et instabili; e non sanno e non possano tenere quel grado: non sanno, perché, se non è uomo di grande ingegno e <u>virtù</u> , non è ragionevole che, sendo sempre vissuto in privata fortuna, sappi comandare; non possano, perché

		<p>non hanno forze che li possino essere amiche e fedeli. Di poi, li stati che vengano subito, come tutte l'altre cose della natura che nascono e crescono presto, non possono avere le barbe e corrispondenzie loro in modo, che 'l primo tempo avverso le spenga; se già quelli tali, come è detto, che si de repente sono diventati principi, non sono di tanta virtù che quello che la fortuna ha messo loro in grembo, e' sappino subito prepararsi a conservarlo, e quelli fondamenti che li altri hanno fatto avanti che diventino principi, li faccino poi.</p>
17, 18 e 19	7,2	<p>lo voglio all'uno et all'altro di questi modi detti, circa el diventare principe per virtù o per fortuna, addurre dua esempi stati ne' dì della memoria nostra: e questi sono Francesco Sforza e Cesare Borgia. Francesco, per li debiti mezzi e con una gran virtù, di privato diventò duca di Milano; e quello che con mille affanni aveva acquistato, con poca fatica mantenne. Dall'altra parte Cesare Borgia, chiamato dal vulgo duca Valentino, acquistò lo stato con la fortuna del padre, e con quella lo perdé; non ostante che per lui si usassi ogni opera e facessi tutte quelle cose che per uno prudente e virtuoso uomo si doveva fare, per mettere le barbe sua in quelli stati che l'arme e fortuna di altri li aveva concessi. Perché, come di sopra si disse, chi non fa e' fondamenti prima, li potrebbe con una gran virtù farli poi, ancora che si faccino con disagio dello architetto e pericolo dello edificio.</p>
20 e 21	7,6	<p>Dopo questo, Lucca e Siena cedeva subito, parte per invidia de' Fiorentini, parte per paura; Fiorentini non avevano remedio: il che se li fusse riuscito (ché li riusciva l'anno medesimo che Alessandro morì), si acquistava tante forze e tanta reputazione, che per sé stesso si sarebbe retto, e non sarebbe più dependuto dalla fortuna e forze di altri, ma dalla potenza e virtù sua. Ma Alessandro morì dopo cinque anni che elli aveva cominciato a trarre fuori la spada. Lasciollo con lo stato di Romagna solamente assolidato, con tutti li altri in aria, infra dua potentissimi eserciti inimici, e malato a morte. Et era nel duca tanta ferocia e tanta virtù e sì bene conosceva come li uomini si hanno a guadagnare o perdere, e tanto erano validi e' fondamenti che in sì poco tempo si aveva fatti, che, se non avessi avuto quelli eserciti addosso, o lui fussi stato sano, sarebbe retto a ogni difficoltà.</p>

22	8, 1	Ma perché di privato si diventa principe ancora in dua modi, il che non si può al tutto o alla fortuna o alla <u>virtù</u> attribuire, non mi pare da lasciarli indietro, ancora che dell'uno si possa più diffusamente ragionare dove si trattassi delle repubbliche.
23, 24, 25,26 e 27	8, 2	Agatocle siciliano, non solo di privata fortuna, ma di infima et abietta, divenne re di Siracusa. Costui, nato d'uno figulo, tenne sempre, per li gradi della sua età, vita scellerata; non di manco accompagnò le sua scelleratezze con tanta <u>virtù</u> di animo e di corpo, che, voltosi alla milizia, per li gradi di quella pervenne ad essere pretore di Siracusa. Nel quale grado sendo costituito, e avendo deliberato diventare principe e tenere con violenza e senza obbligo d'altri quello che d'accordo li era suto concesso, et avuto di questo suo disegno intelligenza con Amilcare cartaginese, il quale con li eserciti militava in Sicilia, raunò una mattina el populo et il senato di Siracusa, come se elli avessi avuto a deliberare cose pertinenti alla repubblica; et ad uno cenno ordinato, fece da' sua soldati uccidere tutti li senatori e li più ricchi del populo. Li quali morti, occupò e tenne el principato di quella città senza alcuna controversia civile. E, benché da' Cartaginesi fussi dua volte rotto e demum assediato, non solum possé defendere la sua città, ma, lasciato parte delle sue genti alla difesa della ossidione, con le altre assaltò l'Affrica, et in breve tempo liberò Siracusa dallo assedio e condusse Cartagine in estrema necessità: e furono necessitati accordarsi con quello, esser contenti della possessione di Affrica, et ad Agatocle lasciare la Sicilia. Chi considerassi adunque le azioni e <u>virtù</u> di costui, non vedrà cose, o poche, le quali possa attribuire alla fortuna; con ciò sia cosa, come di sopra è detto, che non per favore d'alcuno, ma per li gradi della milizia, li quali con mille disagi e pericoli si aveva guadagnati, pervenissi al principato, e quello di poi con tanti partiti animosi e pericolosi mantenessi. Non si può ancora chiamare <u>virtù</u> ammazzare li sua cittadini, tradire li amici, essere senza fede, senza pietà, senza religione; li quali modi possono fare acquistare imperio, ma non gloria. Perché, se si considerassi la <u>virtù</u> di Agatocle nello intrare e nello uscire de' pericoli, e la grandezza dello animo suo nel sopportare e superare le cose avverse, non si vede perché elli

		abbia ad essere iudicato inferiore a qualunque eccellentissimo capitano. Non di manco, la sua efferata crudeltà e inumanità, con infinite scelleratezze, non consentono che sia infra li eccellentissimi uomini celebrato. Non si può, adunque, attribuire alla fortuna o alla virtù quello che senza l'una e l'altra fu da lui conseguito.
28	8, 3	E sarebbe stata la sua espugnazione difficile come quella di Agatocle, se non si fussi suto lasciato ingannare da Cesare Borgia, quando a Sinigallia, come di sopra si disse, prese li Orsini e Vitelli; dove, preso ancora lui, uno anno dopo el commisso parricidio, fu, insieme con Vitellozzo, il quale aveva avuto maestro delle virtù e scelleratezze sua, strangolato
29	9, 1	Ma venendo all'altra parte, quando uno privato cittadino, non per scelleratezza o altra intollerabile violenza, ma con il favore delli altri sua cittadini diventa principe della sua patria, il quale si può chiamare principato civile (né a pervenirvi è necessario o tutta virtù o tutta fortuna, ma più presto una astuzia fortunata), dico che si ascende a questo principato o con il favore del populo o con il favore de' grandi.
30	11, 1	Restaci solamente, al presente, a ragionare de' principati ecclesiastici: circa quali tutte le difficoltà sono avanti che si posseghino: perché si acquistano o per virtù o per fortuna, e senza l'una e l'altra si mantengano; perché sono sustentati dalli ordini antiquati nella religione, quali sono suti tanto potenti e di qualità che tengono e' loro principi in stato, in qualunque modo si procedino e vivino.
31	11, 3	Ha trovato adunque la Santità di papa Leone questo pontificato potentissimo: il quale si spera, se quelli lo feciono grande con le arme, questo, con la bontà e infinite altre sue virtù , lo farà grandissimo e venerando.
32	12, 4	Viniziani, se si considerrà e' progressi loro, si vedrà quelli avere securamente e gloriosamente operato mentre fero la guerra loro proprii: che fu avanti che si volgessino con le loro imprese in terra: dove co' gentili uomini e con la plebe armata operarono virtuosissimamente; ma, come cominciorono a combattere in terra, lasciorono questa virtù , e seguitorono e' costumi delle

		guerre di Italia
33	12, 5	Et il fine della loro <u>virtù</u> è stato, che Italia è suta corsa da Carlo, predata da Luigi, sforzata da Ferrando e vituperata da' Svizzeri.
34	13, 2	Colui, adunque, che vuole non potere vincere, si vaglia di queste arme, perché sono molto più pericolose che le mercennarie: perché in queste è la ruina fatta: sono tutte unite, tutte volte alla obediencia di altri; ma nelle mercennarie, ad offenderti, vinto che le hanno, bisogna più tempo e maggiore occasione, non sendo tutto uno corpo, et essendo trovate e pagate da te; nelle quali uno terzo che tu facci capo, non può pigliare subito tanta autorità che ti offenda. In somma, nelle mercennarie è più pericolosa la ignavia, nelle ausiliarie, la <u>virtù</u> .
35	13, 5	Carlo VII, padre del re Luigi XI, avendo, con la sua fortuna e <u>virtù</u> , libera Francia dalli Inghilesi, conobbe questa necessità di armarsi di arme proprie, e ordinò nel suo regno l'ordinanza delle gente d'arme e delle fanterie.
36 e 37	13, 6	E, se si considerassi la prima ruina dello Imperio romano, si troverrà essere suto solo cominciare a soldare e' Goti; perché da quello principio cominciorono a enervare le forze dello Imperio romano; e tutta quella <u>virtù</u> che si levava da lui si dava a loro. Concludo, adunque, che, senza avere arme proprie, nessuno principato è sicuro; anzi è tutto obligato alla fortuna, non avendo <u>virtù</u> che nelle avversità lo difenda.
38	14, 1	Et è di tanta <u>virtù</u> , che non solamente mantiene quelli che sono nati principi, ma molte volte fa li uomini di privata fortuna salire a quel grado; e per avverso si vede che, quando e' principi hanno pensato più alle delicatezze che alle arme, hanno perso lo stato loro.
39	15, 2	Et etiam non si curi di incorrere nella infamia di quelli vizii senza quali possa difficilmente salvare lo stato; perché, se si considerrà bene tutto, si troverrà qualche cosa che parrà <u>virtù</u> , e seguendola sarebbe la ruina sua; e qualcuna altra che parrà vizio, e seguendola ne riesce la securtà et il bene essere suo.
40	16, 2	Uno principe, adunque, non potendo usare questa <u>virtù</u> del liberale senza suo danno, in modo che la sia conosciuta, debbe, s'elli è prudente, non si curare del nome del misero: perché col tempo sarà tenuto sempre più liberale, veggendo che con la sua parsimonia le sua intrate li bastano, può defendersi da chi li fa

		guerra, può fare imprese senza gravare e' populi; talmente che viene a usare liberalità a tutti quelli a chi non toglie, che sono infiniti, e miseria a tutti coloro a chi non dà, che sono pochi.
41,42 e 43	17, 4	Il che non poté nascere da altro che da quella sua inumana crudeltà, la quale, insieme con infinite sua <u>virtù</u> , lo fece sempre nel cospetto de' suoi soldati venerando e terribile; e senza quella, a fare quello effetto le altre sua <u>virtù</u> non li bastavano. E li scrittori poco considerati, dall'una parte ammirano questa sua azione, dall'altra dannano la principale cagione di essa. E che sia vero che l'altre sua <u>virtù</u> non sarebbero bastate, si può considerare in Scipione, rarissimo non solamente ne' tempi sua, ma in tutta la memoria delle cose che si sanno, dal quale li eserciti sua in Ispagna si rebellorono.
44	19, 6	Parrebbe forse a molti, considerato la vita e morte di alcuno imperatore romano, che fussino esempi contrarii a questa mia opinione, trovando alcuno essere vissuto sempre egregiamente e monstro grande <u>virtù</u> d'animo, non di meno avere perso lo imperio, ovvero essere stato morto da' sua, che li hanno congiurato contro
45	19, 6	Marco solo visse e morì onoratissimo, perché lui succedé allo imperio iure hereditario, e non aveva a riconoscere quello né da' soldati né da' populi; di poi, sendo accompagnato da molte <u>virtù</u> che lo facevano venerando, tenne sempre, mentre che visse.
46 e 47	19, 8	Perché in Severo fu tanta <u>virtù</u> , che, mantenendosi soldati amici, ancora che populi fussino da lui gravati, possé sempre regnare felicemente; perché quelle sua <u>virtù</u> lo facevano nel cospetto de' soldati e de' populi sì mirabile, che questi rimanevano quodammodo attoniti e stupidi, e quelli altri reverenti e soddisfatti. E perché le azioni di costui furono grandi in un principe nuovo, io voglio monstrare brevemente quanto bene seppe usare la persona della golpe e del liono: le quali nature io dico di sopra essere necessario imitare a uno principe.
48	19, 13	Perché a Pertinace et Alessandro, per essere principi nuovi, fu inutile e dannoso volere imitare Marco, che era nel principato iure hereditario; e similmente a Caracalla, Commodo e Massimino essere stata cosa perniziosa imitare Severo, per non avere avuta tanta <u>virtù</u> che bastassi a

		seguire le vestigie sua.
49	21, 7	Debbe ancora uno principe monstrarsi amatore delle <u>virtù</u> , et onorare li eccellenti in una arte.
50	24, 3	E quelle difese solamente sono buone, sono certe, sono durabili, che dependono da te proprio e dalla <u>virtù</u> tua.
51 e 52	25, 1	E Similmente interviene della fortuna: la quale dimostra la sua potenza dove non è ordinata <u>virtù</u> a resisterle, e quivi volta li sua impeti, dove la sa che non sono fatti li argini e li ripari a tenerla. E se voi considerrete l'Italia, che è la sedia di queste variazioni e quella che ha dato loro el moto, vedrete essere una campagna senza argini e senza alcuno riparo: ché, s'ella fussi reparata da conveniente <u>virtù</u> , come la Magna, la Spagna e la Francia, o questa piena non avrebbe fatte le variazioni grandi che ha, o la non ci sarebbe venuta. E questo voglio basti avere detto quanto allo avere detto allo opporsi alla fortuna, in universalì.
53 e 54	26, 1	E se, come io dissi, era necessario, volendo vedere la <u>virtù</u> di Moisè, che il populo d'Isdrael fussi stiuo in Egitto, et a conoscere la grandezza dello animo di Ciro, ch'e' Persi fussino oppressati da' Medi e la eccellenzia di Teseo, che li Ateniensì fussino dispersi; così al presente, volendo conoscere la <u>virtù</u> d'uno spirito italiano, era necessario che la Italia si riducessi nel termine che ell'è di presente, e che la fussi più stiuo che li Ebrei, più serva ch'e' Persi, più dispersa che li Ateniensì, senza capo, senza ordine; battuta, spogliata, lacera, corsa, et avessi sopportato d'ogni sorte ruina
55	26, 1	Né ci si vede, al presente in quale lei possa più sperare che nella illustre casa vostra, quale con la sua fortuna e <u>virtù</u> , favorita da Dio e dalla Chiesa, della quale è ora principe, possa farsi capo di questa redenzione.
56, 57 e 58	26, 2	E non è maraviglia se alcuno de' prenominati Italiani non ha possuto fare quello che si può sperare facci la illustre casa vostra, e se, in tante rivoluzioni di Italia e in tanti maneggi di guerra, e' pare sempre che in quella la <u>virtù</u> militare sia spenta. Questo nasce, che li ordini antichi di essa non erano buoni e non ci è suto alcuno che abbi saputo trovare de' nuovi: e veruna cosa fa tanto onore a uno uomo che di nuovo surga, quanto fa le nuove legge e li nuovi ordini trovati

		da lui. Queste cose, quando sono bene fondate e abbino in loro grandezza, lo fanno reverendo e mirabile: et in Italia non manca materia da introdurvi ogni forma. Qui è <u>virtù</u> grande nelle membra, quando non la mancassi ne' capi. Specchiatevi ne' duelli e ne' congressi de' pochi, quanto li Italiani sieno superiori con le forze, con la destrezza, con lo ingegno. Ma, come si viene alli eserciti, non compariscono. E tutto procede dalla debolezza de' capi; perché quelli che sanno non sono obediti, et a ciascuno pare di sapere, non ci sendo fino a qui alcuno che si sia saputo rilevare, e per <u>virtù</u> e per fortuna, che li altri cedino.
59	26, 3	È necessario, per tanto, prepararsi a queste arme, per potere con la <u>virtù</u> italica defendersi dalli esterni.
60	26, 4	<u>Virtù</u> contro a furore Prenderà l'arme, e fia el combatter corto; Ché l'antico valore Nell'italici cor non è ancor morto.

ANEXO II – COMUNICAÇÃO COM O TRADUTOR HINGO WEBER

Hingo Weber

+ Nova mensagem * Ações ▾ 🔍



Flávia:

Primeiramente, minhas apologias, pois quando aceitei a sua solicitação de amizade, não vi a mensagem que a acompanhou. Remotamente, é possível que ela não tenha chegado imediatamente. Assim, fizeste bem em insistir. Quanto à questão da sua tese. Eu defendo, e pratiquei isso na minha tradução de O Príncipe, que o termo não tem tradução. Mesmo Maquiavel, no final do livro – ao citar o poeta Petrarca, se emaranhou em dificuldades, pois este traduziu virtù como "antico valore".

Além disso, ao longo do livro, Maquiavel não é constante, analiticamente (ou linguisticamente) em relação ao emprego do termo, pois algumas vezes, em especial por meio do superlativo virtuosíssimo, refere-se ao conceito de virtù, sendo que uma ou outra vez, quando fala das qualidades cristãs do novo papa, alude ao conceito de virtude no sentido platônico-cristão.

Sei que há outra tradução no mercado que adota o mesmo procedimento que o meu: não traduz o termo. A meu favor, como diferencial, posso dizer, todavia, que também escrevi em itálico os termos virtude ou virtuosíssimo no caso de terem a acepção de virtù, indo, nesse caso, um pouco além de Maquiavel, mas creio que sem revoltá-lo no seu túmulo. Por esse aspecto e outros que não vem ao caso aqui, minha tradução é a primeira no gênero e espero que o teu trabalho tão desafiador ajude a divulgá-la.

Para avaliar a pertinência das traduções do termo para a língua portuguesa, é fundamental conhecer esse complexo conceito. Escrevi um ensaio sobre Maquiavel, que foi a gênese da minha tradução, intitulado "O Príncipe & Maquiavel sem ideologias", livro também editado pela Vozes. Em um futuro que talvez não nos pertença, mas, quem sabe, tenhamos ajudado a construir, poderia acontecer que a palavra virtù venha a ser incorporado ao dicionário da língua portuguesa. Mais improvável do que isso seria ainda um bom verbete para o termo, que não caia ou recaia no lugar comum sobre o pensador Maquiavel.

Abraço.

15 de março

